

CEE'2023

Universidade de Évora
17 - November - 2023

CONFERENCE ON ENTREPRENEURSHIP EDUCATION

Organization



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA



CEFAGE

centro de estudos e formação universitário em gestão e economia

D.C2E

TÍTULO

Atas da CEE'2023

EDIÇÃO

Universidade de Évora

COORDENAÇÃO

Cristina Marreiros, Hernâni Oliveira, Rui Quaresma

DESIGN CAPA

Hernâni Oliveira

ISBN

978-972-778-475-2

julho 2025

Soumodip Sarkar, Universidade de Évora, Presidente da Comissão Científica

Ana Isabel Dias Daniel, Universidade de Aveiro, Portugal

Antonio Fernández Portillo, Universidad de Extremadura, Espanha

Conceição Leal da Costa, Universidade de Évora, Portugal

Cristina Isabel Miranda Abreu Soares Fernandes, Universidade da Beira Interior, Portugal

Cristina Janini, Instituto Federal Sul de Minas Gerais, Brasil

Dante Luiz Juliatto, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Edward David Moreno, Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Javier Lottersberger, Universidad Nacional del Litoral, Argentina

Jeronimo Alves dos Santos, Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Jerónimo García-Fernandez, Universidad de Sevilla, Espanha

João José Pinto Ferreira, Universidade do Porto, Portugal

José Marques Novo Júnior, Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Julio Colla, Universidade Estadual do Paraná, Brasil

Lauro Wichert-Ana, Universidade de São Paulo, Brasil

Leonice Doimo, Universidade da Força Aérea, Brasil

Luisa Cagica de Carvalho, Instituto Politécnico de Setúbal, Portugal

Luiz Carlos de Faria, Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Lurdes Calisto, Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Portugal

M^a Loreto Fernandez Fernandez, Universidad de Santiago de Compostela, Espanha

Maria Elena Leon Olave, Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Marta Marjotta-Maistro, Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Miguel Torres Preto, Universidade de Lisboa

Paulo Afonso, Universidade do Minho, Portugal

Pedro Torres, Universidade de Coimbra, Portugal

Rogério Aparecido Sá Ramalho, Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Roniberto do Amaral, Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Rui Fragoso, Universidade de Évora, Portugal

Sara Fernandez, Universidad de Santiago de Compostela, Espanha

Susana Soares, Universidade do Porto, Portugal

COMISSÃO LOCAL

Rui Quaresma, Universidade de Évora, CEFAGE, Portugal

Cristina Marreiros, Universidade de Évora, CEFAGE, Portugal

Hernâni Oliveira, Universidade de Évora, DECPT, Portugal

Valentina Castro, Universidade de Évora, DECPT, Portugal

COMISSÃO CEE

Ana Daniel, DEGEIT, Universidade de Aveiro, Portugal

João José Pinto Ferreira, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Departamento de Engenharia e Gestão Industrial, INESC TEC, Portugal

Loreto Fernandez Fernandez, Universidad de Santiago de Compostela, Espanha

Miguel Torres Preto, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa, CeBER, Portugal

Paulo Afonso, Universidade do Minho, Portugal

Pedro Torres, Universidade de Coimbra, CeBER, Portugal

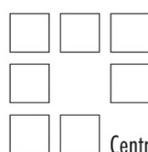
Rui Quaresma, Universidade de Évora, CEFAGE, Portugal



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

SERVIÇOS DA REITORIA

DIVISÃO DE EMPREGABILIDADE, COMUNIDADE
E PROJETOS TRANSVERSAIS



CEFAGE

Centro de Estudos e Formação Avançada em Gestão e Economia



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE GESTÃO

A VIII edição da *Conference on Entrepreneurship Education* (CEE'2023) marcou um momento significativo no calendário académico, tendo decorrido no dia 17 de novembro de 2023, nas instalações históricas da Universidade de Évora. Esta conferência, um ponto de encontro anual para investigadores e docentes da área do empreendedorismo, adotou um formato híbrido, permitindo a participação presencial e à distância, o que ampliou o seu alcance e acessibilidade.

A CEE'2023 dedicou-se a aprofundar o conhecimento e a partilhar as mais recentes inovações nos campos do Empreendedorismo e da Educação em Empreendedorismo. As propostas de trabalhos foram enquadradas em duas grandes áreas temáticas. A primeira, "**Investigação em Empreendedorismo**", focou-se em trabalhos baseados em dados de referência como os do GEM (*Global Entrepreneurship Monitor*) e do GUESSS (*Global University Entrepreneurial Spirit Students' Survey*), que fornecem uma visão abrangente sobre a atividade empreendedora a nível global. Incluiu também investigações aprofundadas sobre o processo empreendedor, desde a sua génese até ao seu desenvolvimento, e estudos sobre a criação de oportunidades de inovação, essenciais para o avanço económico e social.

A segunda área, "**Educação em Empreendedorismo**", focou-se na forma como o empreendedorismo é ensinado e aprendido. Foram apresentados trabalhos de investigação sobre metodologias de ensino e aprendizagem, visando otimizar a formação de futuros empreendedores. Para além das reflexões teóricas, foram apresentados casos práticos e experiências concretas, partilhando boas práticas e novas metodologias, que se revelam eficazes na formação empreendedora e na identificação e desenvolvimento de oportunidades de inovação. Esta abordagem prática é crucial para transpor o conhecimento académico para o mundo real, capacitando os participantes com ferramentas aplicáveis e estratégias comprovadas.

A resposta da comunidade académica à chamada de trabalhos da CEE'2023 foi bastante interessante, com a submissão de 19 propostas de comunicação. Destas, 17 foram selecionadas e apresentadas durante o evento, refletindo a diversidade e a qualidade da investigação na área. A dimensão internacional da conferência foi evidenciada pela multiplicidade de idiomas das apresentações: 11 comunicações foram apresentadas em português, 5 em espanhol e 1 em inglês, facilitando um intercâmbio de ideias mais inclusivo. O evento congregou um total de 38

autores, promovendo a colaboração e a formação de redes entre especialistas de diferentes origens e com perspectivas diversas.

As 17 comunicações foram distribuídas por 4 sessões, cada uma concebida para permitir uma apresentação aprofundada e um debate construtivo. Um dos aspetos distintivos da CEE'2023 foi a inclusão de um "*discussant*" em cada apresentação. Este formato permitiu que, após cada apresentação, um especialista oferecesse uma apreciação crítica, levantasse questões pertinentes aos autores e fizesse sugestões para o aprimoramento e o desenvolvimento futuro dos trabalhos. Esta interação dinâmica enriqueceu significativamente a experiência dos participantes, fomentando o rigor científico e o progresso contínuo na área do empreendedorismo.

Pela qualidade dos trabalhos e riqueza as discussões queremos agradecer a todos os participantes na CEE'2023

Cristina Marreiros, Hernâni Oliveira, Rui Quaresma

Sessão de Abertura – Sala 129

10:00	Boas Vindas
10:15 11:15	<p>Palestra Inaugural: Educação para o Empreendedorismo. Desafios para o Desenvolvimento de Ecossistemas de Empreendedorismo</p> <p>João Candeias, Doutorado em Gestão pela Universidade de Évora</p>

Sessões Paralelas

11:20 | 13:00

Sessão 1 – Sala 129	Sessão 2 – Sala 128
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Explorando os Hard Skill para o Empreendedorismo Acadêmico Digital: Um Estudo Empírico em HEIs</i> Ana Paula Garcez, Mário Franco, Kadidja Santos Discussant: Lurdes Calisto • <i>STARTUP: Empresa, Modelo de Negócio o Product</i> Anxo Vidal Abal Discussant: Rui Fragoso • <i>PDApp un caso de estudio de una innovación precomercializable en la odontología</i> Mercedes Gallas Torreira, Susana Santeiro Hermida Discussant: Lauro Wichert-Ana • <i>Entrepreneurship in Rural Areas, Creating a Local Ecosystem to Support Sustainable Ecotourism Practices</i> José Ramon Mantinan Bua, Yago Atrio Lema, Magdalena Langosch Discussant: Jeronimo Fernandez 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Empreendedorismo e Educação para Cidadãos Privados de Liberdade – Um Estudo em Portugal</i> Paula Maria dos Anjos, Rui Quaresma, Conceição Leal da Costa Discussant: Pedro Torres • <i>Educação para o Empreendedorismo no Ensino Superior: Percepções dos Professores e Estudantes Universitários em Timor-Leste</i> Bia Ble Hitu Carvalho de Jesus, Rui Quaresma, Conceição Leal da Costa Discussant: Ana Daniel • <i>Educação Empreendedora e Formação Profissional: Uma Experiência com Estudantes de um Curso Técnico</i> Whendel Whesley Segundo dos Santos, Gracyanne Freire de Araujo Discussant: Conceição Leal da Costa • <i>Educação Empreendedora e Projeto de Vida: Relatos dos Estudantes do Ensino Médio de uma Escola Pública no Brasil</i> Maria Vitória da Silva dos Santos, Gracyanne Freire de Araujo, Manuela Ramos da Silva, Maria Elena Leon Olave Discussant: Miguel Torres Preto
13:00	Almoço

14:00 | 16:05

Sessão 3 – Sala 129

- *Emprendimiento y Dimensiones Culturales de Galicia. Comparativa con las Pautas De Hofstede para los Españoles* | Javier Bouzas Arufe, Marta Portela Maseda

Discussant: Antonio Fernández Portillo

- *Educação Empreendedora e os Cursos de Administração: As Inovações Pedagógicas das Universidades de Sergipe/Brasil* | Carine da Silva Santos, Nivia Maria Sana Rosa Santana, Gracyanne Freire de Araújo

Discussant: José Marques Novo Júnior

- *Inovação no Ensino por Meio da Análise do Perfil Empreendedor do Aluno Tecnólogo* | Vanessa Cristhina Gatto, Paulo Sérgio Lima Pereira Afonso, Herlandí de Souza Andrade

Discussant: Sara Fernandez

- *Educação Empreendedora no Curso de Administração: O Caso de uma Universidade Pública no Paraná – BR* | Rejane Heloise dos Santos, Julio Ernesto Colla, Paulo Sérgio Lima Pereira Afonso

Discussant: Susana Soares

- *La Educación Financiera como Determinante de la Orientación Emprendedora Universitaria* | Guillermo Andrés Zapata Huamani, Loreto Fernandez Fernandez, Karen Weinberger

Discussant: Luísa Cagica

16:10

Coffee-Break

16:30 | 18:10

Sessão 4 – Sala 129

Iniciativas Empreendedoras Lideradas por Estudantes e a sua Contribuição para o Ecossistema Empreendedor Local | João Almeida, Ana Daniel

Discussant: Cristina Soares Fernandes

Proposta de um Ambiente de Pré-Incubação para Projetos de Base Tecnológica | Victor Ikeda de Faria, Paulo Sérgio Lima Afonso, Vanessa Cristhina Gatto, Herlandí de Souza Andrade

Discussant: Cristina Janini Lopes

Un Caso de Aplicación Práctica de la Teoría Efectual: Escuela de Micronegocios | R. Alejandro Hernández Renner, María Calzado Berbero, María de la Cruz Sánchez Escobedo, Antonio Fernández Portillo

Discussant: João José Pinto Ferreira

Design Thinking como Ferramenta para o Despertar do Espírito Empreendedor em Alunos do Ensino Superior | Daniela Fantoni Alvares

Discussant: Paulo Afonso

18:15

Sessão de Encerramento

ÍNDICE

A.1. Trabalhos de investigação sobre o empreendedorismo baseados em dados GEM, GUESSS, etc.

- Emprendimiento y Dimensiones Culturales de Galicia. Comparativa con las Pautas de Hofstede para los Españoles**
Javier Bouzas Arufe, Marta Portela Maseda 13
- La Educación Financiera como Determinante de la Orientación Emprendedora Universitaria**
Guillermo Andrés Zapata Huamaní, Loreto Fernández Fernández, Karen Weinberger 18
- Startup: Empresa, Modelo de negocio o Producto**
Anxo Vidal Abal 24

A.2. Trabalhos de investigação sobre o processo empreendedor

- Explorando os Hard Skill para o Empreendedorismo Académico Digital: Um Estudo Empírico em HEIs**
Ana Paula Garcez, Mário Franco, Kadidja Santos 29

A.3. Trabalhos de investigação sobre a criação de oportunidades de inovação

- Entrepreneurship in Rural Areas, Creating a Local Ecosystem to Support Sustainable Ecotourism Practices**
Jose Ramon Mantinan Bua, Yago Atrio Lema, Magdalena Langosch 31
- PDApp un caso de estudio de una innovación precomercializable en la odontología**
Mercedes Gallas Torreira, Susana Santeiro Hermida 37

B.1. Trabalhos de investigação sobre o processo de ensino e aprendizagem do empreendedorismo

- Educação Empreendedora e Formação Profissional: Uma Experiência com Estudantes de um Curso Técnico**
Whendel Whesley Segundo dos Santos, Gracyanne Freire de Araujo 42
- Educação Empreendedora e os Cursos de Administração: As Inovações Pedagógicas das Universidades de Sergipe/Brasil**
Carine da Silva Santos, Nivia Maria Santa Rosa Santana, Gracyanne Freire de Araujo 48
- Educação Empreendedora e Projeto de Vida: Relatos dos Estudantes do Ensino Médio de uma Escola Pública no Brasil**
Maria Vitória da Silva dos Santos, Gracyanne Freire de Araujo, Manuela Ramos da Silva, Maria Elena Leon Olave 53
- Educação Empreendedora no Curso de Administração: O Caso de uma Universidade Pública no Paraná - BR**
Rejane Heloise dos Santos, Julio Ernesto Colla, Paulo Afonso 58
- Educação para o Empreendedorismo no Ensino Superior: Perceções dos Professores e Estudantes Universitários em Timor-Leste**
Bia Ble Hitu Carvalho de Jesus, Rui Quaresma, Conceição Leal da Costa 64
- Empreendedorismo e Educação para Cidadãos Privados de Liberdade – Um Estudo em Portugal**
Paula Anjos, Rui Quaresma, Conceição Leal da Costa 69

ÍNDICE

Inovação no Ensino por Meio da Análise do Perfil Empreendedor do Aluno Tecnólogo <i>Vanessa Cristhina Gatto, Paulo Afonso, Herlandi de Souza Andrade</i>	74
--	-----------

B.2. Casos práticos para a formação do empreendedorismo e criação de oportunidades de inovação

Design Thinking como Ferramenta para o Despertar do Espírito Empreendedor em Alunos do Ensino Superior <i>Daniela Fantoni Alvares</i>	79
Iniciativas Empreendedoras Lideradas por Estudantes e a sua Contribuição para o Ecossistema Empreendedor Local <i>João Almeida, Ana Daniel</i>	84
Proposta de um Ambiente de Pré-Incubação para Projetos de Base Tecnológica <i>Vitor Ikeda de Faria, Paulo Afonso, Vanessa Cristhina Gatto, Herlandi de Souza Andrade</i>	89
Un Caso de Aplicación Práctica de la Teoría Efectual: Escuela de Micronegocios <i>R. Alejandro Hernández Renner, María Calzado Berbero, María de la Cruz Sánchez Escobedo, Antonio Fernández Portillo</i>	93

EMPRENDIMIENTO Y DIMENSIONES CULTURALES DE GALICIA. COMPARATIVA CON LAS PAUTAS DE HOFSTED E PARA LOS ESPAÑOLES

Javier Bouzas Arufe, Universidade de Santiago de Compostela,
javier.bouzas.arufe@usc.es

Marta Portela Maseda, Universidade de Santiago de Compostela,
marta.portela@usc.es

PALAVRAS-CHAVE: Cultura, emprendimiento, dimensiones culturales, actividad emprendedora

La cultura nacional se manifiesta a través del comportamiento de las personas en determinadas circunstancias, lo que define sus valores. (Hofstede et al., 2010). Ésta puede expresarse en distintas capas -símbolos, héroes, rituales y valores-, de las que las más externas, símbolos y héroes, son más visibles y permeables, por lo que se convierten en más propensas a ser sustituidas entre culturas (Hofstede, 1991). Según Vesalainen et al. (1999, p.8) la identidad emprendedora se define como “la inclinación de una persona a adoptar un determinado tipo de rol empresarial ocupacional”. La cultura puede afectar a la identidad emprendedora de una sociedad, algo motivado principalmente por tres pilares, una cultura con un enfoque de valores proactivos en cuanto al emprendimiento, una cultura enfocada a dar apoyo y legitimación al emprendimiento y a sus individuos que lo ponen en marcha y una cultura con un enfoque de insatisfacción, como son aquellos casos en los que los valores del individuo y los de la sociedad no coinciden, y ello anima al individuo a emprender (Bogatyreva et al., 2019). En la actualidad existe la creencia de que el compromiso de un individuo con la actividad emprendedora es más consistente en unas culturas que en otras (Bogatyreva et al., 2019), y que dicha actividad no sólo depende de las habilidades o características personales de los individuos, sino también de la cultura dominante en su sociedad (Hechavarría, 2015; Wennberg et al., 2013). En el último reporte del Observatorio del Emprendimiento de Galicia (2022), donde el TEA es 4,8%, se observa como dicha tasa mantiene valores similares a los de países de nuestro entorno (Hill et al., 2022). La herramienta de comparativa de culturas de Hofstede (2013) analiza prácticamente

A.1. Trabalhos de investigação sobre o empreendedorismo baseados em dados GEM, GUESSES, etc.

todos los países del mundo, sin embargo, no estudia regiones concretas o zonas más delimitadas que incluso dentro de un país puede tener o presentar valores distintos por una idiosincrasia particular, por lo que éstas se ven diluidas dentro de un estudio de la cultura nacional del país (Bennet, 1998; Kitayama et al., 2006; Martella et al., 2000).

El objetivo de este trabajo es obtener las dimensiones culturales de Galicia según el modelo de Hofstede para compararlas con las dimensiones del conjunto de España, ya obtenidas por este modelo, y analizar los resultados por si existieran diferencias entre los valores. Además, una vez se obtengan dichos resultados, se analiza la correlación entre cultura y emprendimiento de Galicia y España por si las similitudes o diferencias entre sus dimensiones culturales se transmiten al grado de actividad emprendedora.

Con el fin de obtener los valores culturales de la población gallega siguiendo el modelo Hofstede y compararlos con los de otras sociedades para quienes ya se han hecho estos estudios (Rodríguez, 2014; Da Cruz et al., 2015; Rebaque, 2019), se toma como base la investigación y metodología propia de este autor. Para ello, a principios de 2023 se realizaron encuestas a una muestra probabilística de 116 ciudadanos de origen gallego, nacidos y residentes en Galicia, de 18 años o más. Con una metodología cuantitativa con objeto de “conseguir leyes generales relativas al grupo” (Abalde et al., 1992) y descriptiva “para puntualizar las características de la población” (Alban et al., 2020), la investigación es exploratoria y transversal, puesto que es un tema poco abordado con anterioridad y no existirá seguimiento de la muestra con el paso del tiempo (Stebbins, 2001; González, 2015).

Con los resultados obtenidos se concluye que, a pesar de la similitud cultural entre Galicia y España, existen diferencias notables en las dimensiones de indulgencia y aversión a la incertidumbre, lo que desafía la extrapolación de la cultura nacional a nivel regional. Lo significativo respecto a cómo estas diferencias culturales entre España y Galicia afectan al emprendimiento radica en que no parece haber una correlación. Mientras que la evidencia científica muestra que, la baja aversión a la incertidumbre, la baja distancia al poder, la alta masculinidad, la baja indulgencia y la orientación a corto plazo, son dimensiones más propensas de sociedades emprendedoras (Bogatyreva et al., 2019), la tasa de iniciativa emprendedora es mayor en España que en Galicia, (Observatorio del Emprendimiento de España, 2023) aunque con valores no muy distanciados -6% frente al $4,8\%$ -, teniendo Galicia un valor bajo de aversión a la incertidumbre. Sin embargo, la sociedad española posee un valor bajo en la

variable de indulgencia, algo que, también según la evidencia, es más propicio de sociedades emprendedoras.

La principal contribución de este estudio es la demostración de que las diferencias culturales entre Galicia y España no se reflejan en la misma proporción en su tasa de actividad emprendedora. Aunque la literatura académica sugiere que ciertas dimensiones culturales son propicias para la actividad emprendedora, las tasas de iniciativa emprendedora similares entre Galicia y España y las diferencias notables en algunas dimensiones culturales sugiere que otros factores, como el ecosistema emprendedor de la sociedad, el capital social, el contexto económico y el entorno de la región a estudiar también desempeñan un papel importante (Kwon et al., 2010). Por lo tanto, este estudio destaca la necesidad de investigar un mayor número de regiones y países, empezando por Portugal, en un análisis más longitudinal para comprender mejor la relación entre cultura y emprendimiento y observar si se puede encontrar un patrón establecido, recomendando también abordar la metodología de un modo diferente a través del metaanálisis e incluir puntuaciones culturales actualizadas basadas en esta técnica (Taras et al., 2012).

BIBLIOGRAFIA

- Abalde Paz, E., & Muñoz-Cantero, J. M. (1992). Metodología cuantitativa vs. cualitativa.
- Alban, G. P. G., Arguello, A. E. V., & Molina, N. E. C. (2020). Metodologías de investigación educativa (descriptivas, experimentales, participativas, y de investigación-acción). *Recimundo*, 4(3), 163-173.
- Bennet, D. (ed.) (1998), *Multicultural States: Rethinking Difference and Identity*, New York, NY: Routledge.
- Bogatyreva, K., Edelman, L. F., Manolova, T. S., Osiyevskyy, O., & Shirokova, G. (2019). When do entrepreneurial intentions lead to actions? The role of national culture. *Journal of Business Research*, 96, 309-321.
- Da Cruz Mendes, S. M., Natário, M. M., & Braga, A. M. M. (2015). Padrões culturais e capacidade de inovação: um estudo de caso. In *Enfoques empresariales de la gestión científica: transferencia de conocimiento a la empresa* (p. 133). Universidade de Vigo.

A.1. Trabajos de investigación sobre o emprendedorismo baseados em dados GEM, GUESSES, etc.

- González, P. Á. (2015). *Fusiones y adquisiciones desde la perspectiva de marketing: impacto en el consumidor bancario español* (Doctoral dissertation, Universidade de Vigo).
- Global Entrepreneurship Monitor: Informe GEM Galicia 2020-2021. Fernández, L., et al.
- Hechavarría, D. M. (2016). The impact of culture on national prevalence rates of social and commercial entrepreneurship. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 12, 1025-1052.
- Hill, S., Ionescu-Somers, A., Coduras, A., Guerrero, M., Roomi, M. A., Bosma, N., & Shay, J. (2022). *Global entrepreneurship monitor 2021/2022 global report: Opportunity amid disruption*. In Expo 2020 Dubai.
- Hofstede, G. (1991): *Culture and organizations: software of the mind*, NY: McGraw-Hill.
- Hofstede, Geert, Hofstede, Gert Jan, Minkov, Michael. (2010). *Cultures and Organizations: Software of the Mind, Third Edition Paperback*.
- Hofstede, G., & Minkov, M. (2013). *VSM 2013. Values survey module*.
- Observatorio del Emprendimiento de España (2023): *Global Entrepreneurship Monitor. Informe GEM España 2022-2023*. Ed. Universidad de Cantabria.
- Observatorio del Emprendimiento de Galicia (2022): *Global Entrepreneurship Monitor. Informe GEM Galicia 2021-2022*. Ed. Universidad de Santiago de Compostela.
- Kitayama, S., Park, H., Sevincer, A. T., Karasawa, M., & Uskul, A. K. (2009). A cultural task analysis of implicit independence: comparing North America, Western Europe, and East Asia. *Journal of personality and social psychology*, 97(2), 236.
- Kwon, S. W., & Arenius, P. (2010). Nations of entrepreneurs: A social capital perspective. *Journal of Business Venturing*, 25(3), 315-330.
- Martella, D., & Maass, A. (2000). Unemployment and life satisfaction: The moderating role of time structure and collectivism 1. *Journal of Applied Social Psychology*, 30(5), 1095-1108.
- Rebaque González, A. *Cultura de los españoles. Comparativa con las dimensiones antropológicas del Hofstede= Spanish culture. Comparative with Hofstede anthropological dimensions*.
- Rodríguez Garzón, I. (2014). *Riesgo percibido en la construcción: Un estudio cross cultural*.

A.1. Trabalhos de investigação sobre o empreendedorismo baseados em dados GEM, GUESSS, etc.

Stebbins, R. A. (2001). *Exploratory research in the social sciences* (Vol. 48). Sage.

Taras, V., Steel, P., & Kirkman, B. L. (2012). Improving national cultural indices using a longitudinal meta-analysis of Hofstede's dimensions. *Journal of World Business*, 47(3), 329-341.

Vesalainen, J., & Pihkala, T. (1999). Entrepreneurial identity, intentions and the effect of the push-factor. *Academy of Entrepreneurship Journal*, 5(2), 1-24.

Wennberg, K., Pathak, S., & Autio, E. (2013). How culture moulds the effects of self-efficacy and fear of failure on entrepreneurship. *Entrepreneurship & Regional Development*, 25(9-10), 756-780.

LA EDUCACIÓN FINANCIERA COMO DETERMINANTE DE LA ORIENTACIÓN EMPRENDEDORA UNIVERSITARIA

Guillermo Andrés Zapata Huamaní, Universidad del Pacífico, ga.zapatah@up.edu.pe

Loreto Fernández Fernández, Universidade de Santiago de Compostela,
loreto.fernandez@usc.es

Karen Weinberger, Universidad del Pacífico, weinberger_ke@up.edu.pe

PALAVRAS-CHAVE: Educación financiera, emprendimiento, universidad

Antecedentes

La literatura sobre educación financiera (en adelante, EF) ha experimentado un importante crecimiento en los últimos años (Abad y González, 2021), destacando su impacto en la sociedad y en el sistema educativo. Aunque los programas de EF surgen en los setenta (Bernheim et al., 2001), con la crisis del 2008 se evidencia la falta de EF global (Domínguez et al., 2022). La OCDE reconoce la relevancia global de la EF pues su ausencia amplía desigualdades socioeconómicas (Molina et al., 2015). En este marco los países de la OCDE impulsaron planes educativos. En el caso de España, el Banco de España y la Comisión Nacional del Mercado de Valores desarrollan el primer Plan de Educación Financiera en 2008.

Así mismo crece el interés por la relación entre la EF y el emprendimiento (Abad y González, 2019). La literatura muestra que una suficiente EF aumenta la probabilidad de emprender (Abad y González, 2021). El presente trabajo tiene por objetivo evaluar la influencia de la EF sobre el emprendimiento en estudiantes universitarios.

Revisión de literatura

La OCDE resaltó en 2005 la importancia de la EF proporcionando una definición ampliamente aceptada (Domínguez, 2019). En 2008 España inició un Plan de Educación Financiera siguiendo directrices de la Comisión Europea y de la OCDE para mejorar la cultura financiera, especialmente en estudiantes de primaria y secundaria (Cordero y Pedraja, 2018). En 2010-2011 se implementó un Programa Piloto de Educación Financiera en 32 centros para

integrar contenidos financieros en asignaturas como Matemáticas, Ciencias Sociales y Educación para la Ciudadanía (CNMV y Banco de España, 2013). Sin embargo, la reforma de la Ley de Educación ha reducido significativamente la enseñanza de EF en la educación obligatoria (Espino, 2022). La OCDE incluye una sección de competencias financieras en el informe PISA, y en 2018, España obtuvo una calificación inferior a la media de la OCDE (Ministerio de Educación y Formación Profesional, 2020).

En general, los sucesivos planes de EF han buscado mejorar la EF de la población, y, en respuesta a los resultados de la Encuesta de Competencias Financieras, han prestado especial atención a la formación de estudiantes universitarios (Domínguez et al., 2022).

Aunque la relación entre emprendimiento y crecimiento económico sigue siendo objeto de estudio, existe un consenso en que el emprendimiento está vinculado al crecimiento económico, especialmente a través de la innovación (Lupiáñez et al., 2018; Minniti, 2012). Varios estudios indican que la cultura financiera influye en la decisión de emprender, y que los emprendedores suelen tener un nivel de EF superior (Rey Ares et al., 2020; Trombetta, 2016; Arenas, 2019).

Metodología

La muestra para la realización de este trabajo es obtenida de la base de datos del *Global University Entrepreneurial Spirit Students' Survey* (GUESSS) España para su edición 2021, un proyecto internacional que mide conductas emprendedoras entre estudiantes universitarios (Ruiz-Navarro et al., 2021). Concretamente, la muestra está formada por 98.226 estudiantes de 75 universidades españolas, de los cuales 1.318 son estudiantes de la Universidad de Santiago de Compostela (USC).

Para medir el impacto de la EF en la orientación emprendedora universitaria empleamos seis variables relacionadas con la percepción de los estudiantes sobre si: 1) se considera necesaria, 2) mejora la calidad de vida, 3) fue suficiente, 4) fue adecuada, 5) ayuda a gestionar las finanzas personales; 6) hay interés en aumentarla. En cuanto a la orientación emprendedora empleamos tres variables que miden el emprendimiento y su sentido innovador: 1) identifico oportunidades para emprender, 2) disfruto pensando en nuevas formas de hacer las cosas, 3) identifico oportunidades y pienso en nuevas formas (multiplicación de las primeras variables). Las variables de EF son ordinales de tres niveles y las de orientación al emprendimiento son

dicotómicas. Además, emplearemos datos del perfil del estudiante (nivel de estudios, rama de conocimiento, edad, sexo) como variables mediadoras y de control.

Realizamos un análisis bivariado mediante tablas de contingencia en el que aplicaremos pruebas estadísticas de chi-cuadrado y la prueba de t de student para analizar diferencias en proporciones y medias, respectivamente. Con el objetivo de medir el impacto de la EF sobre la orientación al emprendimiento se llevará a cabo un análisis multivariado. Debido a la naturaleza dicotómica de la variable dependiente se emplean regresiones logísticas que miden probabilidades de que la EF impacte sobre la orientación al emprendimiento. El modelo econométrico que se empleará en las regresiones es:

$$Prob(Y_i = 1) = \phi(\beta_0 + \beta_1 EF_i + \beta_i X_i)$$

donde la variable dependiente (Y_i) cuantifica la probabilidad del estudiante a tener una orientación emprendedora, i es el índice del estudiante y ϕ denota la función de la distribución logística. La EF es la matriz de las variables de interés ya definidas, y X_i se refiere a las variables de perfil individual como variables de control.

Resultados

Análisis bivariado. Existen diferencias significativas ($p < .01$) en cuanto a que los estudiantes de la USC no consideran haber recibido ni suficiente ni adecuada EF con respecto a sus pares del conjunto nacional. En particular, entre los estudiantes de la USC se evidencia una marcada diferencia de género ($p < .01$), pues con respecto a las mismas variables, las mujeres son más optimistas que los hombres, aunque con respecto a que, si esta misma es necesaria, mejora su calidad de vida o ayuda a gestionar sus finanzas personales, las mujeres son más pesimistas. En cuanto a las ramas de conocimiento, era de esperarse que la EF tenga una opinión muy favorable entre los estudiantes de economía y administración. Sin embargo, también se han obtenido diferencias significativas para con los estudiantes de ingeniería y arquitectura, aunque en menor medida.

Para las variables de emprendimiento, los estudiantes de la USC resultan ser menos emprendedores e innovadores que el resto de estudiantes a nivel nacional en su forma agregada, y las mujeres se consideran menos emprendedoras que los hombres. Por ramas de conocimiento, los de administración y economía son más emprendedores, así como innovadores. Sin embargo, cuando se trata de emprendimiento innovador, es la carrera de ingeniería y arquitectura la que se impone.

A.1. Trabajos de investigación sobre o emprendedorismo basados en datos GEM, GUESSES, etc.

Análisis multivariado. Al estimar el nivel explicativo de la EF sobre el emprendimiento, los resultados sugieren que las variables que influyen en la orientación al emprendimiento (EF adecuada) no son las mismas que influyen en la orientación a la innovación (EF mejora el bienestar y EF suficiente). Sin embargo, estas mismas variables, tanto para la orientación al emprendimiento como para la orientación a la innovación, son también significativas para el emprendimiento-innovador (combinado). En esa línea solo la variable “interés en aumentar mi EF” es altamente significativa ($p < .01$) para el emprendimiento, la innovación y el combinado (emprendimiento-innovador).

BIBLIOGRAFIA

- Abad Segura, E., y González Zamar, M. D. (2019). Effects of Financial Education and Financial Literacy on Creative Entrepreneurship: A Worldwide Research. *Education Sciences*, 9(3), 238. <https://doi.org/10.3390/educsci9030238>
- Abad Segura, E., y González Zamar, M. D. (2021). Implicaciones de la educación financiera en el emprendimiento creativo. *Tendencias en investigación. 3C Empresa. Investigación y pensamiento crítico*, 10(1), 17-39. <https://doi.org/10.17993/3cemp.2021.100145.17-39>
- Arenas Abarca, L. A. (2019). Relación entre nivel de cultura financiera y grado de emprendimiento en trasportistas del entorno terminal terrestre, Arequipa 2018. Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa. <https://repositorio.unsa.edu.pe/server/api/core/bitstreams/fa62945f-d99d-4b12-977a-c2beb0cf2d96/content>
- Bernheim, B., Garrett, M. y Maki, D. (2001): Education and Saving: The long-term effects of high school financial curriculum mandates. *Journal of Public Economics*, 80(3), 435-465. [https://doi.org/10.1016/S0047-2727\(00\)00120-1](https://doi.org/10.1016/S0047-2727(00)00120-1)
- Cordero, J. M. y Pedraja, F. (2018). La educación financiera en el contexto internacional. *Cuadernos Económicos de ICE*, 95, 239-257 <http://www.revistasice.com/index.php/CICE/article/view/6649/6596>
- Domínguez I., Devesa E., Meneu R., Encinas B. y Rosado B. (2022). Evaluación para la mejora de la formación en educación financiera para universitarios. *Cuadernos de Información*

A.1. Trabajos de investigación sobre o emprendedorismo basados en datos GEM, GUESSS, etc.

Económica, 286, 65-78. <https://www.funcas.es/articulos/evaluacion-para-la-mejora-de-la-formacion-en-educacion-financiera-para-universitarios/>

Domínguez Martínez, J. M. (2019): Los propósitos de la educación financiera. Edufinet Working Paper 2/2019. <https://www.edufinet.com/images/EdufiAcademics/WP-2-2019.pdf>

Espino, T. (6 de abril de 2022). La enseñanza de Economía y la Lomloe. Magisterio. <https://www.magisnet.com/2022/04/la-ensenanza-de-economia-y-la-lomloe/>

Lupiáñez, L., Priede, T. y López, C. (2018). El emprendimiento como motor del crecimiento económico. Boletín Económico de ICE, 3048, 55-63. <http://www.revistasice.com/index.php/BICE/article/view/5343/5343>

Ministerio de Educación y Formación Profesional (2020) PISA 2018. Competencia financiera. Informe español. Sede Electrónica Ministerio de Educación. https://sede.educacion.gob.es/publiventa/descarga.action?f_codigo_agc=21163

Minniti, M. (2012). El emprendimiento y el crecimiento económico de las naciones. Economía Industrial, 383, 23-30. <https://www.mincotur.gob.es/Publicaciones/Publicacionesperiodicas/EconomiaIndustrial/RevistaEconomiaIndustrial/383/Mar%C3%ADa%20Minnit.pdf>

Molina Marfil, J. A., Marcenaro Gutiérrez, O. D. y Martín Marcos, A. (2015). Educación financiera y sistemas educativos en la OCDE: un análisis comparativo con datos PISA 2012. Revista de Educación, 369, 85-108. <https://doi.org/10.4438/1988-592X-RE-2015-369-291>

Rey Ares, L., Fernández López, S., Castro González, S. (2020). La cultura financiera y el emprendimiento empresarial: Análisis del caso español. Encuentro Ibérico de Investigación y Educación de emprendimiento GEM-CEE: ABSTRACTS, 137-140. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7799860>

Ruiz Navarro, J., Diáñez González, J.P., Franco-Leal, N., Sánchez-Vázquez, J.M., Camelo-Ordaz, C. (2021). Informe GUESSS España 2021. El espíritu emprendedor de los estudiantes universitarios.

Trombetta, M. (2016). Educación financiera e iniciativa empresarial en España: un estudio exploratorio. Cuadernos de Información Económica, 252, 1-20.

A.1. Trabalhos de investigação sobre o empreendedorismo baseados em dados GEM, GUESSSS, etc.

<https://www.funcas.es/articulos/educacion-financiera-e-iniciativa-empresarial-en-espana-un-estudio-exploratorio/>

STARTUP: EMPRESA, MODELO DE NEGOCIO O PRODUCTO

Anxo Vidal Abal, Universidad de Santiago de Compostela, anxovidal@outlook.es

PALAVRAS-CHAVE: Empresa, modelo de negocio, producto y startup

Las startups, los modelos de negocios y los productos son conceptos clave en el ámbito empresarial y en la innovación. Este artículo explora su relación y se centra en profundizar si las startups son empresas o podríamos afirmar que realmente se podrían considerar un modelo de negocio y/o producto, dependiendo el contexto en el que actúen o su evolución desde su creación hasta la actualidad.

Se pretende determinar su interrelación y relevancia para el mundo académico y empresarial, así como, analizar las lagunas en el conocimiento que merecen atención.

El término "innovación disruptiva" fue popularizado y desarrollado por el profesor Clayton Christensen, un académico y escritor estadounidense, para describir cómo las nuevas tecnologías a menudo comienzan en mercados de nicho o inferiores, pero con el tiempo pueden desplazar a las soluciones establecidas y dominar el mercado principal. En este contexto, se abordan los conceptos de producto y modelo de negocio. Christensen muestra cómo las grandes empresas pueden tener dificultades para innovar en productos que no se ajusten a su modelo de negocio existente, lo que puede abrir oportunidades para startups disruptivas.

Por su parte, Eric Ries ha influido significativamente en la comunidad empresarial y en la forma en que se desarrollan y gestionan las startups, promoviendo un enfoque más eficiente y orientado a los datos en lugar de depender de suposiciones no probadas. Explora cómo las startups tecnológicas desarrollan sus modelos de negocio mientras crean nuevos productos. Define una startup como "una organización diseñada para crear un nuevo producto o servicio en condiciones de extrema incertidumbre".

Las startups y el emprendimiento pueden contribuir a reducir las desigualdades ya que proporcionan a individuos y grupos de diversos orígenes un acceso más equitativo a recursos financieros, educación empresarial, redes empresariales y oportunidades de crecimiento. Esto fomenta un ecosistema empresarial más inclusivo y diverso, donde más personas tienen la

A.1. Trabalhos de investigação sobre o empreendedorismo baseados em dados GEM, GUESS, etc.

oportunidad de participar en la creación y el éxito de nuevas empresas, lo que a su vez contribuye a una sociedad más equitativa y próspera.

Pero para ello, es importante conocer todo el ecosistema que gira alrededor de una startup y como se relacionan los diferentes conceptos clave en este campo, como el modelo de negocio y/o el producto, así como, el trayecto por el que transita una startup hasta convertirse en empresa.

Al abordar también las lagunas en el conocimiento sobre esta materia, la presente investigación promueve un entendimiento más claro de estos conceptos interrelacionados y contribuye significativamente a la innovación, el crecimiento económico y la mejora de la calidad de vida. Se puede afirmar que la relación entre startups, modelos de negocio y productos es compleja y multidimensional, y su estudio continuo es esencial para un futuro más sólido y una sociedad más próspera.

El objetivo principal de esta investigación es realizar un análisis exhaustivo y en profundidad de la naturaleza de las startups en el contexto empresarial actual. El propósito es comprender plenamente cómo estas empresas emergentes representan un fenómeno empresarial único, que trasciende la noción tradicional de una empresa. Se busca identificar y validar de manera empírica cómo las startups, además de ser entidades empresariales, funcionan esencialmente como modelos de negocio y productos en desarrollo constante.

Esta investigación proporcionará una base sólida para comprender mejor la naturaleza única de las startups en el panorama empresarial actual, destacando cómo operan en una intersección entre el desarrollo de productos, modelos de negocio innovadores y la atracción de inversiones significativas. Estos hallazgos tendrán relevancia tanto para emprendedores que buscan entender mejor el ecosistema de startups como para inversores, administraciones y otros actores interesados en participar en este dinámico sector.

El "Observatorio de Startups" de la Fundación de Innovación Bankinter nos proporciona información detallada sobre el ecosistema de startups en España desde enero de 2018 hasta la actualidad, incluyendo datos relacionados con el crecimiento, inversión, modelos de negocio y tendencias del mercado en el sector de las startups.

Desde enero de 2018 hasta agosto de 2023 en España se han realizado 1.839 operaciones de inversión en startups. Todas estas operaciones consiguieron levantar un total de 8.820.601.021 millones de euros.

A.1. Trabalhos de investigação sobre o empreendedorismo baseados em dados GEM, GUESSES, etc.

Estas inversiones en startups se realizaron en diferentes fases, siendo la Fase A con un total de 594 operaciones y la Fase Pre-Seed/Seed con 712 operaciones las que más operaciones sumaron en este periodo de tiempo. En el otro lado se sitúa la "Serie Growth" con un total de 57 operaciones.

En el lado de los inversores se sitúan como los más activos los Venture Capital con 1059 operaciones y las Corporate con 263 operaciones. Los Business Angels realizaron un total 89 operaciones y las administraciones públicas el mismo número de operaciones.

Por sectores, los cinco sectores que más operaciones cerraron fueron por esta orden: negocios y productividad, viajes y turismo, movilidad y logística, marketing y proptech.

Los cinco startups que más capital levantaron desde 2018 hasta agosto de 2023 fueron por este orden: Seetag, Paack, Fever, Factorial e Impress.

Dentro de los exits destaca el de Glovo que adquirió la empresa alemana Delivery Hero por 780 millones de euros. A continuación, se sitúan Kantox que fue adquirida por el BNP Paris por 120 millones de euros y Ciclars adquirida por Stellantis por 100 millones de euros.

Parece que el futuro del ecosistema de startups en España se presenta prometedor, con un crecimiento constante, diversificación de sectores y un mayor interés de inversores nacionales e internacionales. Las adquisiciones de startups españolas por parte de empresas extranjeras indican una apertura al mercado global.

Se espera una maduración del ecosistema con rondas de inversión "Serie Growth" y un posible respaldo gubernamental. La participación activa de inversores individuales refuerza el apoyo a las nuevas empresas, respaldando su crecimiento y fortaleza. La innovación y la tecnología seguirán siendo impulsores clave de este crecimiento.

El uso exclusivamente de datos del Observatorio de Innovación de Bankinter en esta investigación tiene varias limitaciones: limitación de datos disponibles, falta de contexto completo, posible sesgo de datos, exclusión de perspectivas complementarias o no se pueden Identificar Tendencias Emergentes. Para abordar estas limitaciones, sería recomendable considerar la incorporación de datos de múltiples fuentes siempre que sea posible, lo que nos proporcionaría una visión más completa y equilibrada del tema motivo de la investigación y ayudaría a mitigar algunos de los sesgos y restricciones asociados con el uso exclusivo de esta fuente de datos.

A.1. Trabalhos de investigação sobre o empreendedorismo baseados em dados GEM, GUESSES, etc.

En el mundo empresarial actual, aunque jurídicamente las startups son consideradas empresas, su funcionamiento y su enfoque difieren en muchos aspectos de las empresas tradicionales.

Las startups suelen estar en una fase de desarrollo temprano y están en busca de un modelo de negocio viable. En lugar de ofrecer productos o servicios completamente desarrollados, están en un proceso constante de innovación y descubrimiento. Los inversores, como "business angels", venture capital y corporaciones, reconocen el potencial de estas startups y están dispuestos a invertir capital a pesar de que los beneficios pueden demorar años en materializarse.

Esta inversión continua es fundamental para que las startups puedan crecer rápidamente, desarrollar sus productos o servicios y alcanzar un "exit" exitoso, que puede manifestarse como una adquisición por parte de una empresa más grande o una salida a bolsa (IPO). En este sentido, el ecosistema de startups se ha convertido en un modelo de negocio en sí mismo, con una amplia gama de actores que participan en él, desde inversores hasta aceleradoras, incubadoras, asesores y más.

La principal contribución de esta investigación radica en la validación empírica y el análisis riguroso que respaldan la afirmación de que las startups no se limitan a ser empresas en el sentido tradicional, sino que representan un fenómeno único y multifacético. Los hallazgos del presente trabajo proporcionan una sólida evidencia de que las startups son, en realidad, un modelo de negocio y un producto en sí mismas, y no solo empresas en desarrollo.

Busca arrojar luz sobre la dinámica de inversión en startups, destacando cómo atraen una amplia gama de inversores, desde Venture Capital hasta Business Angels y corporaciones. Además, identifica las distintas fases de desarrollo que atraviesan estas empresas y cómo algunas de ellas alcanzan una etapa de "Serie Growth", lo que subraya su evolución constante.

La diversidad de sectores en los que se han realizado inversiones y los ejemplos de startups exitosas que han sido adquiridas por grandes sumas de dinero respaldan la noción de que las startups son activos valiosos y atractivos para inversores y adquisiciones.

En última instancia, proporciona una base sólida para comprender mejor la naturaleza única de las startups en el panorama empresarial actual, a medio camino entre producto y modelo de negocio. Estos hallazgos espero sean de utilidad para emprendedores, inversores,

administraciones y cualquier persona interesada en participar en el dinámico ecosistema de las startups.

BIBLIOGRAFIA

Clayton Christensen (1997). "The Innovator's Dilemma: When New Technologies Cause Great Firms to Fail".

Eric Ries (2011). "The Lean Startup".

Fundación Bankinter, "Informe Bankinter sobre Innovación 2023".

EXPLORANDO OS HARD SKILL PARA O EMPREENDEDORISMO ACADÊMICO DIGITAL: UM ESTUDO EMPÍRICO EM HEIS

Ana Paula Garcez, Universidade da Beira Interior, ana.garcez@ubi.pt

Mário Franco, Universidade da Beira Interior, Departamento de Gestão e Economia, CEFAGE, mfranco@ubi.pt

Kadidja Santos, Universidade Federal da Paraíba (Brasil), kadidja@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Empreendedorismo académico digital, análise fatorial exploratória, hard skill, instituições de ensino superior, transformação digital

À medida que a tecnologia digital se torna cada vez mais acessível, surge o empreendedorismo académico digital (EAD), uma abordagem inovadora que combina os princípios do empreendedorismo académico tradicional com as oportunidades oferecidas pela tecnologia digital.

Nesse contexto, o EAD revela um conjunto distinto de competências, pois envolve a compreensão e aplicação de estratégias digitais e o aproveitamento das oportunidades de colaboração e inteligência coletiva proporcionadas pela era digital. Dessa forma, surge a necessidade de um debate aprofundado sobre quais são as hard skills (habilidades técnicas específicas) que têm o potencial de impactar significativamente o EAD.

Com o intuito de contribuir para esse debate, este artigo propõe-se a explorar as Hard Skills essenciais para a educação empreendedora digital nas instituições de ensino superior (IES). Para alcançar esse objetivo, será conduzido um inquérito junto a estudantes universitários tanto em Portugal quanto no Brasil. A metodologia adotada incluirá a adaptação de escalas de medida já existentes, a realização de um inquérito empírico abrangente e a posterior análise dos dados coletados por meio de análise fatorial exploratória.

Espera-se que os resultados obtidos neste estudo validem a escala proposta, fornecendo uma ferramenta confiável e eficaz para apoiar modelos de medição da intenção empreendedora dos estudantes do ensino superior. Além disso, a pesquisa visa aprofundar o conhecimento sobre

os fatores que influenciam os estudantes universitários a se tornarem empreendedores, com base nessa compreensão, será possível direcionar de maneira mais eficaz o design e a implementação de programas de formação em empreendedorismo IES, na era digital.

BIBLIOGRAFIA

(Não aplicável no momento da proposta)

ENTREPRENEURSHIP IN RURAL AREAS, CREATING A LOCAL ECOSYSTEM TO SUPPORT SUSTAINABLE ECOTOURISM PRACTICES

Jose Ramon Mantinan Bua, PhD student at Universidade de Santiago de Compostela, Lecturer at the University of Greenwich, joseramon.mantinan@rai.usc.es

Yago Atrio Lema, Researcher and PhD student at Universidade de Santiago de Compostela, yago.atrrio.lema@rai.usc.es

Magdalena Langosch, Lecturer at the University of Greenwich, M.Langosch@greenwich.ac.uk

PALAVRAS-CHAVE: Entrepreneurship, ecosystems AND ecotourism

Introduction

According to the European Parliament Fact Sheet (2023), the EU is the world's leading tourist destination, representing 2.3 million businesses (most of them SMEs), and directly employed 12.3 million people in 2018. This equates to 3.9% of the EU GDP, although the tourism sector significantly contributes towards other economic sectors. Consequently, the total estimated contribution of tourism sector's figures represent 10.3% of GDP and 11.7% of total employment, which equates to 27.3 million workers (EU Parliament, 2023). Making this the most important sector of the EU's economy, which is why the EU is committed to reviving this sector, with an emphasis on sustainability, through integrated rural tourism or ecotourism (EU Parliament, 2023). Therefore, in 2022, the EU developed their Rural Vision 2040 (2022), which indicates a pathway for prosperity in rural areas, claiming that at the EU level, the number of tourism nights per inhabitant in rural regions is three times higher than in urban regions (EU Rural Vision 2040, 2022). This pathway for prosperity envisions the creation of innovation ecosystems, which will allow rural communities to create high quality jobs in rural areas. Increasing the active participation of political and social life of rural communities would provide new opportunities to improve the quality of life and increase the attractiveness of rural areas, which represent 30% of EU's population (137 million people) and 80% of EU's territory as outlined in EU Rural Vision 2040 (2022).

EU Rural Vision 2040 (2022) focusses on providing new digital infrastructure to facilitate rural innovation to provide equal access to emerging technologies, such as digital marketing tools and interconnectivity platforms. One of the main objectives of the EU Rural Vision 2040 (2022) is to guide for financing opportunities, centralising all relevant information in one unique document for all stakeholders involved in rural communities. The Rural Vision 2040 (2022) seeks to support cooperative entrepreneurship through incubators, encouraging networking and collaboration among rural actors and to encourage new models of collective and community entrepreneurship, offering solutions and inspiring examples for rural areas to revitalise rural economies in consultation with rural stakeholders. Facilitating access new digital literacy opportunities to acquire skills to co-create, providing new entrepreneurial activities to enhance technological, social and ecological progress in the context of the EU Green Deal, which seeks to transform Europe in the first climate neutral continent by 2050. Currently tourism contribute to 8% of climate change emissions (EU Commission, 2022). Therefore, the EU Green Deal developed a Transition Pathway for Sustainable Tourism (Europarc.org, 2022) which focuses on supporting SMEs and entrepreneurs in rural tourism ecosystem, which provides technical assistance and the funding needed to meet the objectives of this strategy.

Objectives

This research focuses on the development of ecosystems that include all relevant stakeholders as sustainable ecotourism. Transition Pathway for Sustainable Tourism (Europarc.org, 2022) examines the effect of such business ecosystems on ecotourism and thereby on the socio-economic revitalisation of rural areas, emphasising the need for rural stakeholders to collaborate and provide new growth opportunities. It seeks to understand what ecotourism initiatives can reverse the abandoning trend in Europe's rural areas and provide effective and evidence-based recommendations that international entrepreneurs and policy makers can apply by investing in rural or near-abandoned villages.

The research methodology consists firstly in a systematic review of the literature with a comparison and analysis of the most cited papers in the subject of ecotourism, entrepreneurship and ecosystems. Secondly, the most relevant literature selected will be summarised to extract their key results and discussed to contribute to the overall value of this research.

Research Methodology

Systematic review of the literature

The Scopus database from Elsevier has been chosen to perform the bibliometric analysis due to the rigorous evaluation process that journals undergo before being indexed in this database, which may be more comprehensive than the alternative scientific database, Web of Science from the Institute for Scientific Information.

The type of search conducted used advanced document search tool with the keywords ("entrepreneurship" or "business" or "supply chain") and ("rural tourism" or "ecotourism"), and only English scientific articles from the fields of "Social Sciences," "Business, Management and Accounting," "Economics, Econometrics and Finance," and "Multidisciplinary" were considered.

In the first phase, all the selected articles from the previously mentioned search were downloaded, and duplicates were removed. Metadata files were exported in CSV and TEX formats for subsequent analysis using the bibliometrix package (citation) in the statistical software R for descriptive purposes.

Search strategy

```
TITLE-ABS-KEY ( ( "entrepreneurship" OR business OR "supply chain" ) AND ( "rural
tourism" OR "ecotourism" ) ) AND ( LIMIT-TO ( PUBSTAGE , "final" ) ) AND ( LIMIT-TO (
SUBJAREA , "SOCI" ) OR LIMIT-TO ( SUBJAREA , "BUSI" ) OR LIMIT-TO ( SUBJAREA
, "ECON" ) OR LIMIT-TO ( SUBJAREA , "MULT" ) ) AND ( LIMIT-TO ( DOCTYPE , "ar"
) )
```

Results

The database descriptive information of the articles used for the bibliometric analysis reveals that the search comprises 871 articles from 301 journals, involving 2145 authors. The publication period of the articles spans from 1993 to June 2023.

For the timespan from 1st January 1993 to 1st June 2023, 301 academic journals published 871 articles, with an annual growth rate of 13.18 %, 26.02 average citations per document. These publications presented 3.17 average citations per year. Having 2,145 authors, using 2565 keywords, 2,399 author appearances, producing 173 single-authored articles. On average, there were 2.75 authors per article, and 21.01% international co-authorships.

The evolution of the number of articles published each year shows three distinct phases. The first stage spans from 1993 to 2005, showing a constant but unstable growth, with scientific production declining on two occasions. The second stage, which can be identified, occurs between 2005 and 2020, where the growth is exponential, reaching its peak in 2020. The third and final stage, in which we are currently immersed, extends from 2020 to the present day, demonstrating a clear stagnation in scientific production.

The most cited papers in this field of research in order of the amount of citations as of 20th August 2023 are: “Green Grabbing: A new appropriation of nature?” (2012); “Characteristics and goals of family and owner-operated business in the rural tourism and hospitality sectors” (2000); “Factors for success in rural Tourism development” (2001); “The COVID-19 crisis as an opportunity for escaping the unsustainable global tourism path” (2020) and “Motivation for agri-tourism entrepreneurship” (2004).

Literature that studies the socio-economic development and revitalisation of rural villages has focused on long term urban-to-rural-relocation or rural-to-urban-migration, rather than short-term (eco)tourism around the world (Li et al., 2016). Wu, Liu and Carter (2019); and Gao and Wu, (2017) studied the feeling of belonging to a rural community on migrants who have moved from rural communities to large urban areas in China and how government policies such as financial incentives are encouraging some people to return to their villages of origin. Whereas Hisano, Akitsu and McGreevy, (2018) focus on the attitudes of migrants from rural communities to migrate back to their villages of origin in Japan by investing in agricultural education and technology.

Fairhead, Leach and Scoones (2012) critique so-called “green market economies”, especially in Africa, Asia and Latin America. According to them, ecotourism may serve as a tool for land grabbing, which may lead to purchasing rural land in order to exploit it, transforming rural locations around the world. This view tends to focus on the negative consequences of ecotourism, not as a tool to generate prosperity, but as marketing tool that some actors could use to acquire and exploit land, without studying the consequences in the rural communities affected. Fairhead Leach and Scoones (2012) advocate for the scientific community to research more in this area.

On the other hand, Getz and Carlsen (2000) emphasise on the goals of ecotourism entrepreneurs in, a sector dominated by small family businesses. These businesses tend to be more innovative and offer greater business flexibility in rural areas, and often count with strong

support from local communities (Ioannides and Gyimóthy, 2020). This local community spirit is also reflected in the research findings of Getz and Carlsen (2000), showing that over 50% of ecotourism entrepreneurs are primarily motivated by their desire to live in the right environment, followed by their goal to enjoy a good lifestyle (Getz and Carlsen, 2000). These factors, together with hectares of land owned are later acknowledged by McGehee and Kim (2004).

Moreover, Getz and Carlsen (2000) research also suggests that ecotourism entrepreneurs are neither as driven by their desire to maximise profits nor to gain prestige by operating a business as their urban counterparts. This shows a clear contrast to the findings presented by Fairhead, Leach and Scoones in 2012, in Africa, Latin America and Asia, which suggests a clear distinction of motivations and actors involved in ecotourism in Western economies as opposed to emerging or developing economies.

...

(excerpt from the article)

BIBLIOGRAFIA

- Europarc.org, 2022. Sustainable Tourism - EUROPARC Federation. [online] EUROPARC Federation. Available at: <<https://www.europarc.org/sustainable-tourism/>> [Accessed 7 April 2023].
- EU Commission (2022) EU Transition Pathway for Tourism, ec.europa.eu/commission/. Available at: <https://ec.europa.eu/docsroom/documents/49498> (Accessed: 09 November 2023).
- EU Parliament, 2023. Tourism | Fact Sheets on the European Union | European Parliament. [online] [Europarl.europa.eu](https://www.europarl.europa.eu). Available at: <<https://www.europarl.europa.eu/factsheets/en/sheet/126/tourism>> [Accessed 27 September 2023].
- EU Rural Vision 2040 (2022) Rural areas in numbers, EU Rural Vision 2040. Available at: https://rural-vision.europa.eu/maps-data/rural-areas-numbers_en#tourism (Accessed: 16 September 2023).

- Fairhead, J., Leach, M. and Scoones, I. (2012) 'Green grabbing: A new appropriation of nature?', *Green Grabbing: A New Appropriation of Nature*, pp. 1–25. doi:10.9774/gleaf.9781315829654_2.
- Gao, J. and Wu, B., 2017. Revitalizing traditional villages through rural tourism: A case study of Yuanjia Village, Shaanxi Province, China. *Tourism Management*, 63, pp.223-233.
- Getz, D. and Carlsen, J. (2000) 'Characteristics and goals of family and owner-operated businesses in the rural tourism and hospitality sectors', *Tourism Management*, 21(6), pp. 547–560. doi:10.1016/s0261-5177(00)00004-2.
- Hisano, S., Akitsu, M. and McGreevy, S., 2018. Revitalising rurality under the neoliberal transformation of agriculture: Experiences of re-agrarianisation in Japan. *Journal of Rural Studies*, 61, pp.290-301.
- Ioannides, D. and Gyimóthy, S. (2021) 'The COVID-19 crisis as an opportunity for escaping the unsustainable global tourism path', *Global Tourism and COVID-19*, pp. 170–177. doi:10.4324/9781003223252-16.
- Li, Y. et al. (2016) 'Bottom-up initiatives and revival in the face of rural decline: Case studies from China and Sweden', *Journal of Rural Studies*, 47, pp. 506–513. doi:10.1016/j.jrurstud.2016.07.004.
- McGehee, N.G. and Kim, K. (2004) 'Motivation for agri-tourism entrepreneurship', *Journal of Travel Research*, 43(2), pp. 161–170. doi:10.1177/0047287504268245.
- Wilson, S. et al. (2001) 'Factors for success in rural tourism development', *Journal of Travel Research*, 40(2), pp. 132–138. doi:10.1177/004728750104000203.
- Wu, B., Liu, L. and Carter, C., 2019. Bridging social capital as a resource for rural revitalisation in China? A survey of community connection of university students with home villages. *Journal of Rural Studies*.

PDAPP UN CASO DE ESTUDIO DE UNA INNOVACIÓN PRECOMERCIALIZABLE EN LA ODONTOLOGÍA

Mercedes Gallas Torreira, Odontología Digital e Innovación tecnológica. Dpto Cirugía y especialidades médico-quirúrgicas. Universidade de Santiago de Compostela, mercedes.gallas.torreira@usc.es

Susana Santeiro Hermida, Dpto Cirugía y especialidades médico-quirúrgicas. Universidade de Santiago de Compostela, susana.santeiro@rai.usc.es

PALAVRAS-CHAVE: Dental technology, machine learning, artificial intelligence, knowledge translation

La innovación digital está transformando la forma en la que se practica en la actualidad la medicina y la odontología. Los médicos/odontólogos a menudo se centran en investigar para lograr mejoras en los diagnósticos y tratamientos (investigación clínica), desatendiendo la etapa en la que los resultados de dicha investigación deberían convertirse en una innovación comercializable para que realmente sus beneficios llegasen a los pacientes.

En este trabajo, presentamos un caso de estudio que analiza como la práctica clínica en el ámbito de la cirugía del tercer molar ha derivado en una innovación digital en etapa de pre-comercialización. En concreto, se trata de un software diseñado y testado en humanos para el diagnóstico, prevención, monitorización e indicación de tratamiento en la patología eruptiva del tercer molar inferior: PDApp (Panoramic Dental Application). PDApp clasifica semi-automáticamente, a través de imágenes radiológicas, los terceros molares de pacientes como erupcionados o retenidos a edades tempranas (16-17 años), lo que permite un incremento funcional cuantitativo y cualitativo y el ahorro de costosos tratamientos para los sectores tanto público como privado.

En nuestra opinión, PDApp es un ejemplo de un caso de investigación translacional en el sector de los dispositivos médicos (medical devices). Su análisis puede servir como ejemplo de buenas prácticas para otros campos de investigación que, si no trasladan sus resultados al mercado, no podrán mejorar la vida de los pacientes.

Los terceros molares o "muelas del juicio" (M3) se desarrollan después del nacimiento, y su erupción, de producirse, ocurre generalmente por término medio entre los 17 y 21 años (Niedzielska IA et al. 2006). Las alteraciones del proceso eruptivo y del posicionamiento del M3 perduran durante un período de tiempo extenso que puede prolongarse hasta los 40 años. En este contexto eruptivo su funcionalidad final sólo puede ser evaluada muy tardíamente, si llega a erupcionar correctamente, teniendo en cuenta su función en la arcada dentaria y el estado de salud bucal en ese momento.

La indicación de exodoncia del M3 se fundamenta en la falta de erupción y función correcta en la arcada dentaria, normalmente erupciona mal posicionado o no erupciona, aumentando al no erupcionar el riesgo de sintomatología asociada: patología infecciosa (pericoronaritis, granulomas), patología tumoral (quistes y tumores odontogénicos), patología dentaria (periodontales, reabsorciones coronal y/o radicular del segundo molar/M2, caries coronal y/o radicular, principalmente en la cara distal del M2, desplazamientos y movimientos dentarios), patología articular (ATM) y nerviosa. Actualmente, la edad del paciente, el tipo de inclusión del M3 han sido identificados en la literatura científica (mediante análisis de regresión) como los factores de riesgo principales, capaces de influir en la cicatrización periodontal postoperatoria tras la cirugía del M3 localizada en la cara distal del M2 adyacente. Puesto que el factor tipo de inclusión del M3 es inherente a cada paciente y no modificable desde el punto de vista preventivo ha interesado determinar el momento idóneo para realizar el tratamiento indicado. Estudios clínicos previos han permitido establecer la recomendación clínica de la exodoncia profiláctica de los M3 en pacientes adultos jóvenes (< 21 años) (Faria A et al. 2013). Sin embargo, esta evidencia científica contrastada conlleva la necesidad de realizar una predicción de la erupción en posición adecuada de los M3 a edades tempranas (16-17 años). La posibilidad de predecir la erupción ha sido una preocupación constante de los odontólogos ante la incertidumbre del propio proceso eruptivo y la patología eruptiva (morbilidad) asociada. También por las implicaciones económicas que supone la atención sanitaria odontológica y los gravosos costes que acarrear. Se ha estimado que el manejo de las patologías dentales genera 357 mil millones de dólares/año en todo el mundo (Righolt AJ et al. 2018). En general existe un creciente interés por las características económicas sanitarias de los tratamientos odontológicos que el caso concreto (exodoncia quirúrgica de M3) conlleva la determinación previa de su retención/no erupción futura. Los costes de tratamiento constituyen un resultado relevante a corto, medio o largo plazo: los pagadores (pacientes, aseguradoras u

otros terceros) y los profesionales sanitarios están interesados en ellos como factor importante en la toma de decisiones. La idea de predecir la erupción futura de los M3 (necesidad clínica) supone un problema previo no resuelto y una oportunidad de mercado.

Para tratar de determinar la factibilidad de la erupción del M3 se han realizado múltiples análisis (métodos predictivos), la mayoría de ellos basados en la realización de mediciones seriadas de forma manual sobre radiografías: métodos laboriosos/engorrosos, poco precisos y costosos. La adopción de tecnologías digitales para la obtención de imágenes de diagnóstico (radiografías) y la inteligencia artificial (IA) en el campo clínico ha permitido una mayor precisión diagnóstica. Un análisis y estudio previos del espacio radiológico disponible para la erupción del tercer molar inferior nos constató las dificultades técnicas existentes para su determinación con los métodos predictivos convencionales y hallar el coeficiente de retención con un 95% de aciertos. Este trabajo supuso un avance hacia el desarrollo de un modelo predictivo de erupción del tercer molar inferior al fraguar con la colaboración de miembros del CiTIUS (Centro Singular en Investigación en Tecnoloxías Intelixentes), el diseño y creación del software PDApp y su posterior validación clínica (Santeiro S et al, 2023) .

No existen referencias previas publicadas de un modelo predictivo automático o semi-automático para predecir la erupción del M3 sobre radiografías panorámicas exceptuando la publicación de nuestro grupo.

A pesar de la incidencia, sintomatología/morbilidad y coste asociados de esta patología no se dispone actualmente de ningún modelo predictivo de erupción de los M3 automático o semi-automático para el diagnóstico a edades tempranas de futuras inclusiones dentarias salvo el seguimiento clínico-radiológico de los pacientes. Debido al prometedor potencial de utilización de los sistemas de IA en el campo de la odontología con fines de diagnóstico radiológico como análisis de imágenes, determinación de edad cronológica/sexo, identificación humana y mejora de la calidad de imagen e incluso la planificación de tratamientos, el establecimiento de planes de tratamiento y la fabricación de herramientas de tratamiento se precisa de un análisis profundo (aprendizaje automático y aprendizaje profundo) (Arsiwala-Scheppach LT et al. 2023).

Los resultados preliminares obtenidos son excelentes, empleamos la tasa de precisión (tasa de M3 clasificados correctamente) como medida de desempeño del software, clasificando el 97,96% correctamente.

Estos resultados, enormemente esperanzadores, soportan de forma clara el potencial de utilización del software para el diagnóstico y prevención y tratamiento de la inclusión de los M3 con enorme impacto en el campo de la salud oral. Este potencial ha sido reconocido en la Convocatoria del Acelerador de Transferencia de la USC que concedió al grupo de investigación una financiación para analizar la robustez de la herramienta informática. La propuesta presentada cuenta con la protección de la tecnología mediante el registro de propiedad intelectual de nuestro software (nº03/2021/1299) además de con el interés de NEMOTEC S.L., empresa española en el ámbito de los softwares de diagnóstico y planificación en Odontología con amplia experiencia y proyección internacional lo que garantizaría la transferencia de los resultados al sector empresarial.

La tecnología presentada mejora sustancialmente las soluciones existentes actualmente, incrementa los beneficios del tratamiento indicado (exodoncia a edades tempranas/adultos jóvenes), facilita el trabajo del personal sanitario al eliminar la incertidumbre en la toma de decisión clínica (exodoncia M3), reduce errores clínicos y beneficiaría a la administración pública y/o privada (menor coste farmacológico, eliminación de seguimiento radiográfico y bajas por enfermedad).

La comercialización futura de nuestro software y sus versiones sucesivas mejoradas con IA permitirá acceder a un mercado potencial de millones de usuarios (entidades públicas y privadas) ofertando una oportunidad de mercado interesante.

La materialización de nuestra idea en un producto, el software (PDApp) supone el inicio de una era de tecnología disruptiva con el potencial de rediseñar el panorama en el que se practica la atención clínica odontológica en la línea de una odontología 4P y una cirugía 4P (Slim K, et al. 2021). Es decir, personalizada, preventiva, predictiva y participativa a través de la prevención de la patología eruptiva inflamatoria-infecciosa, la eliminación de la morbilidad asociada, la atención perioperatoria dirigida y la cirugía profiláctica de los M3.

BIBLIOGRAFIA

Arsiwala-Scheppach LT, Chaurasia A, Müller A, Krois J, Schwendicke F. Machine Learning in Dentistry: A Scoping Review. *J Clin Med.* 2023 Jan 25;12(3):937. doi: 10.3390/jcm12030937.

- Faria AI, Gallas-Torreira M, López-Ratón M. Mandibular second molar periodontal healing after impacted third molar extraction in young adults. *J Oral Maxillofac Surg.* 2012 Dec;70(12):2732-41. doi: 10.1016/j.joms.2012.07.044.
- Niedzielska IA, Drugacz J, Kus N, Kreska J. Panoramic radiographic predictors of mandibular third molar eruption. *Oral Surg Oral Med Oral Pathol Oral Radiol Endod.* 2006 Aug;102(2):154-8; discussion 159. doi: 10.1016/j.tripleo.2005.07.003.
- Righolt AJ, Jevdjevic M, Marcenes W, Listl s. Global-, regional-, and country-Level economic impacts of dental diseases in 2015. *J Dent Res.* 2018 May;97(5):501-507. doi:10.1177/0022034517750572.
- Santeiro-Hermida, S., Fernández-Delgado, M., Cernadas, E., Gallas-Torreira, M. Validation analysis of Panoramic Dental Application (PDApp) software tool for predicting third molar eruption based on panoramic radiographs images. *Applied Sciences*, 13, 2848 doi: 10.3390/app 13052848.
- Slim K, Selvy M, Veziat J. Conceptual innovation: 4P Medicine and 4P surgery. *J Visc Surg.* 2021 Jun;158(3S):S12-S17. doi: 10.1016/j.jviscsurg.2021.01.003.

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA E FORMAÇÃO PROFISSIONAL: UMA EXPERIÊNCIA COM ESTUDANTES DE UM CURSO TÉCNICO

Whendel Whesley Segundo dos Santos, Universidade Federal de Sergipe,
whendeldetalle@gmail.com

Gracyanne Freire de Araujo, Universidade Federal de Sergipe, gracyanne@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: educação empreendedora, formação profissional, curso técnico

Descrição geral

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023) no segundo trimestre do ano de 2023, o índice de desemprego brasileiro chegou a 8,0% da população, representando 8,6 milhões de desempregados. No cenário atual, o empreendedorismo ocupa um lugar de destaque que está diretamente associado ao crescimento da economia, por meio de incentivos dos órgãos públicos na criação de pequenos negócios, fomentando a crescente demanda brasileira por empreendimentos inovadores (GEM BRASIL, 2020).

O reconhecimento da educação empreendedora como um tema de destaque no campo do empreendedorismo para promover uma sociedade orientada pela criatividade e inovação (Araujo & Davel, 2018). Para isso, é necessário que exista uma educação empreendedora que forme profissionais com habilidades empreendedoras e com características pessoais que o mercado necessita a fim de potencializar o desenvolvimento econômico e social.

O ensino profissionalizante foi instituído no Brasil em 23 de setembro de 1909, pelo Decreto n.º 7.566, que baliza o começo do ensino profissional, científico e tecnológico no país, inicialmente voltado para a inclusão social de adolescentes, por meio das Escolas de Aprendizizes Artífices. A busca por esses cursos de curta duração tem sido escolha da maioria dos jovens, devido ao aprendizado rápido e foco nas áreas técnicas, contribuindo para uma capacitação profissional que vivencia a realidade logo nas primeiras disciplinas do programa (Gawryszewski, 2021).

B.1. Trabalhos de investigação sobre o processo de ensino e aprendizagem do empreendedorismo

Os Cursos Técnicos ou Profissionalizantes são estudos rápidos com duração máxima de dois anos focando áreas mais práticas ou carentes de profissionais capacitados (Souza, 2004). Educação Profissional é o modelo de aprendizagem que viabiliza o desenvolvimento de competências e habilidades técnicas para suprir a demanda do mercado de trabalho. Além disso, para quem trabalha, os cursos profissionalizantes auxiliam no desenvolvimento profissional, possibilitando uma atualização sobre as novas exigências adotadas nas empresas.

Diante desse contexto conceitual, os novos profissionais técnicos necessitam despertar o interesse pelo empreendedorismo, para desenvolverem habilidades empreendedoras para a formação de vida social, acadêmica e profissional. A sociedade contemporânea vem exigindo cada vez mais profissionais capacitados, indivíduos com competências múltiplas, que tenham espírito de equipe, capacidade de adaptarem-se a situações diversas e aprenderem a encarar novos desafios.

Por outro lado, existem algumas dificuldades no processo de ensino-aprendizagem do empreendedorismo, tais como: carência de metodologias inovadoras no processo de ensino e o questionamento sobre o que a educação empreendedora de fato contribui para o estudante (Fayolle, 2018). Essas reflexões contribuem para o aprimoramento da EE dentro dos cursos profissionalizantes.

Assim, este estudo se justifica por investigar o papel da educação empreendedora e sua influência na aprendizagem dos estudantes dos cursos técnicos profissionalizantes, como também identificar possíveis elementos que possam contribuir para a melhoria do ensino, capacitando e formando empreendedores capazes de desenvolverem negócios inovadores. Além disso, os resultados desta pesquisa contribuem para avançar no conhecimento sobre os cursos técnicos profissionalizantes no campo da Educação Empreendedora.

Objetivos

Esta pesquisa tem como objetivo compreender como a educação empreendedora contribui para a formação profissional dos estudantes de um curso técnico em Administração no estado de Sergipe/Brasil.

Metodologia de investigação

Quanto à tipologia, esta pesquisa caracteriza-se por ter uma abordagem qualitativa e exploratória, por ser conduzida quando há a necessidade de identificar, adquirir, coletar ou obter informações sobre um tema específico (Vergara, 2007). Para atingir esse objetivo, a pesquisa

empírica se concentrou na análise da experiência da disciplina Empreendedorismo oferecida no curso técnico presencial em Administração de uma instituição particular da cidade de Aracaju/Sergipe.

O método utilizado envolveu a realização de entrevistas semiestruturadas com estudantes que cursaram a disciplina no primeiro bimestre do ano de 2023. As seguintes categorias de análise foram definidas: motivação para aprender empreendedorismo, interesse pelo tema e a identificação de oportunidades. A definição dessas categorias desempenhou um papel crucial na compreensão das narrativas dos entrevistados, uma vez que elas serviram como uma ponte entre a teoria e os dados encontrados (Colbari, 2014).

A entrevista semiestruturada permite a exploração em profundidade da experiência de vida do indivíduo (Alvesson, 2003). Tal técnica foi realizada em um grupo de 30 estudantes selecionados por acessibilidade. Neste critério de amostragem o pesquisador escolhe pela disponibilidade, considerando a possibilidade de que eles possam ser representantes da população em estudo (Vergara, 2007; Flick, 2009).

As entrevistas foram realizadas pela plataforma Google Meet, as quais foram gravadas e transcritas. Os estudantes foram entrevistados em setembro de 2023. Cada entrevista durou em média 12 minutos, totalizando 360 minutos. Para a avaliação dos dados encontrados, empregou-se a abordagem da análise da narrativa que constitui “uma maneira de compreender a experiência em um processo colaborativo entre o pesquisador e o participante da pesquisa” (Clandinin & Connelly, 2000, p. 20).

Principais resultados esperados

De acordo com as entrevistas, a categoria motivação para aprender apontou que os estudantes foram impulsionados por fatores externos, como o desejo genuíno de realizar projetos pessoais e de independência financeira. Além disso, a pesquisa revelou que os estudantes percebem a aprendizagem empreendedora como uma habilidade que pode melhorar significativamente suas perspectivas de emprego, sustentando assim sua motivação para adquirir essas competências. Schaefer e Minello (2020) enfatizam que esse conjunto de conhecimento, habilidades e atitudes formam as competências necessárias para a construção de um negócio. Também destacaram a influência do ambiente familiar como um fator determinante na motivação. Alguns estudantes mencionaram a inspiração de empreendedores em suas famílias, como pais e cônjuges.

B.1. Trabalhos de investigação sobre o processo de ensino e aprendizagem do empreendedorismo

Quanto à categoria interesse pelo empreendedorismo, os resultados apontam uma diversidade de motivações, abrangendo desde grandes organizações em que trabalham até inspiração em pequenos negócios locais. Os estudantes consideraram que seu interesse pelo empreendedorismo cresceu por meio de experiências práticas, como a participação em projetos de empreendedorismo na escola, igreja ou na criação de pequenos empreendimentos pessoais. Assim, tornar o estudante protagonista do aprendizado influencia na percepção do aprendizado, bem como o autodirecionamento (Schaefer e Minello, 2020).

Para os entrevistados, a criatividade e a capacidade de inovação surgiram como elementos-chave na identificação de oportunidades. Os estudantes enfatizaram a importância sobre abordagens e conteúdo que tratam da criatividade e inovação. Já a habilidade de resolver problemas e identificar oportunidades no mercado foram identificadas como características comuns entre os estudantes, evidenciando a resiliência e a adaptabilidade. Tal evidência corrobora com Andrade Júnior e Sato (2019) que afirmam sobre o potencial da Educação Empreendedora em oferecer uma contribuição significativa para o aprimoramento das competências e habilidades comportamentais, fomentando a capacidade de identificar oportunidades no contexto de negócios.

Principal contribuição

Este estudo teve como objetivo compreender como a educação empreendedora contribui para a formação profissional dos estudantes de um curso técnico em Administração no estado de Sergipe/Brasil. Os resultados apontam que a educação empreendedora contribui para a formação pessoal e profissional dos estudantes, despertando para o interesse de criação de negócios, para o aperfeiçoamento profissional, tornando pessoas melhor capacitadas e desenvolvendo habilidades como criatividade e inovação para a identificação de oportunidades de negócios.

As contribuições deste trabalho oferecem subsídios para que pesquisadores e instituições de ensino profissionalizante estimulem a introdução da temática do empreendedorismo em seus currículos. Além disso, este estudo contribui para estimular a interdisciplinaridade no curso técnico, promovendo diálogos entre o empreendedorismo e outras temáticas para promover um curso mais dinâmico e que atenda as tendências do mercado e as demandas dos estudantes.

BIBLIOGRAFIA

- Alvesson, M. (2003). Beyond Neopositivists, Romantics, and Localists: a reflexive approach to interviews in organizational research. *Academy of Management Review*, 28(1), 13-33.
- Araujo, G. F., & Davel, E. P. B. (2018). Educação empreendedora, experiência e John Dewey. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 12(4), 1-16.
- Andrade Júnior, D. L. I., Sato, C. Y. (2019). Influência da Educação Empreendedora na Identificação de Oportunidades de Negócios. *Revista de Administração IMED*, 8 (2), 36-49.
- Clandinin D. J., & Connelly, F.M. (2011). *Pesquisa Narrativa: experiências e história em pesquisa qualitativa*. Minas Gerais: EdUFU.
- Colbari, A. L. Desafios da formação de empreendedores na sociedade brasileira. In: XXV Simpósio de Educação Tecnológica, 2008. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/Simposio454.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2023.
- Fayolle, A. (2018). *A research agenda for entrepreneurship education*. Cheltenham: Edward Elgar Publishing Limited.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa* (5a ed). São Paulo: Artmed.
- Gawryszewski, B. (2021). A Formação profissional e o mundo do trabalho pela ótica de estudantes de curso técnico de nível médio. *Educação em Revista*, 37 (1), 14-39.
- GEM BRASIL. Monitor Global de Empreendedorismo. Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade, Curitiba, 2020.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2023, 20 de setembro de 2023). Demografia das empresas e estatísticas de empreendedorismo: 2023. *Agência IBGE Notícias*. <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>
- Schaefer, R., & Minello, I. F. (2020). Desafios Contemporâneos da Educação Empreendedora: Novas Práticas Pedagógicas e Novos Papéis de Alunos e Docentes. *Revista da Micro e Pequena Empresa*, 14(3). 134-149.
- Souza, E. C. L. (2004). Educação Empreendedora: experiências e questões para pesquisa. In: 3ª CIPEAL. Conferência Internacional de Pesquisa em Empreendedorismo na América

B.1. Trabalhos de investigação sobre o processo de ensino e aprendizagem do empreendedorismo

Latina, 2004, Rio de Janeiro. 3ª CIPEAL / CD-ROM. RIO DE JANEIRO: IAG-PUC, 2004. v. 1. p. 01-15.

Vergara, S.C. (1997). *Projetos e relatórios de pesquisa em administração* (1a ed). São Paulo: Atlas.

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA E OS CURSOS DE ADMINISTRAÇÃO: AS INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS DAS UNIVERSIDADES DE SERGIPE/BRASIL

Carine da Silva Santos, Departamento de Administração - Universidade Federal de Sergipe/Brasil, cariness@academico.ufs.br

Nivia Maria Santa Rosa Santana, Departamento de Administração - Universidade Federal de Sergipe/Brasil, niviamaria1@academico.ufs.br

Gracyanne Freire de Araujo, Departamento de Administração - Universidade Federal de Sergipe/Brasil, gracyanne@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Educação empreendedora, inovações pedagógicas, cursos de Administração, universidades de Sergipe

Descrição geral

A Educação Empreendedora (EE) é um tema amplamente discutido no campo do empreendedorismo e possui potencial para o desenvolvimento de inovações pedagógicas (Marcovitch & Saes, 2020). Entretanto, ainda há uma carência de estudos abordando novas abordagens pedagógicas da EE (Fayolle, 2018; Cardow & Smith, 2015). A ausência de produção acadêmica integrada sobre inovação pedagógica no ensino do empreendedorismo universitário enfatiza a relevância deste estudo para ampliar e aprofundar a discussão sobre o assunto (Araujo & Davel, 2018; Schaefer & Minello, 2016).

A literatura destaca métodos universitários para estimular a criatividade, como a criação de plano de negócios e a atuação dos estudantes em Empresas Juniores (Ribeiro & Plonski, 2019). A educação empreendedora frequentemente segue padrões focados em habilidades e estudos de caso para criar empresas inovadoras (Lima et al., 2015; Barreto & Garcia, 2020). Nesse sentido, o ensino superior impulsiona a cultura empreendedora, permitindo que universidades revelem o potencial empreendedor de estudantes por meio de metodologias pouco inovadoras (Guimarães & Santos, 2020). O conceito de inovação pedagógica abordada neste trabalho traz a ideia de implementação de uma mudança tanto no processo de ensino-

aprendizagem quanto no contexto dos atores envolvidos na educação (professores, estudantes e instituição de ensino) (Serdyukov, 2017).

Objetivo

Como forma de avançar no conhecimento sobre o tema, este trabalho tem como objetivo mapear e descrever as experiências de inovações pedagógicas de educação empreendedora dos cursos de Administração das universidades do estado de Sergipe/Brasil.

Metodologia de investigação

Metodologicamente, esta pesquisa se caracteriza como qualitativa e exploratória, combinando documentos (Flick, 2009) e entrevistas semiestruturadas (Alvesson, 2003). O estudo explora pedagogias por meio da análise conteúdo (Bardin, 2011) dos ementários das disciplinas de empreendedorismo contidas nos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPC) e das entrevistas com professores. Dividida em duas etapas, a primeira etapa da pesquisa selecionou os cursos de Administração das universidades sergipanas que ofertam disciplinas de empreendedorismo na matriz curricular, analisando as ementas dos PPCs. Na segunda etapa foram realizadas entrevistas com os professores que lecionam estas disciplinas.

Para este estudo, foram identificadas 10 instituições de ensino superior em Sergipe que ofertam a disciplina de empreendedorismo de forma presencial. Dos professores contactados entre essas instituições, 8 concordaram em participar da pesquisa. O roteiro de entrevista foi constituído por 13 perguntas que abordaram diferentes aspectos da educação empreendedora categorizadas em vida pessoal/profissional do docente, metodologias de ensino, inovações pedagógicas no ensino do empreendedorismo e o panorama da educação empreendedora no estado de Sergipe e no Brasil.

Principais resultados esperados

Durante as entrevistas, os professores revelaram suas motivações para ensinar empreendedorismo. Primeiramente a afinidade com o tema foi a resposta mais apontada pelos entrevistados, iniciada durante o ensino superior ou em decorrência de suas próprias experiências como empreendedores. Em média, esses professores acumulam 11 anos de experiência no ensino de empreendedorismo, com trajetórias diversas que incluem desde a necessidade de empreender, desenvolvimento de pesquisas e projetos, até a realização de trabalhos acadêmicos em incubadoras de empresas. Além disso, eles investiram em capacitação, como o doutoramento, participando de cursos sobre empreendedorismo e colaborando com

B.1. Trabalhos de investigação sobre o processo de ensino e aprendizagem do empreendedorismo

projetos focados no terceiro setor e sustentabilidade mediante parceria com institutos brasileiros renomados no campo do empreendedorismo, como o instituto Eco-Empreendedor para a Sustentabilidade, SEBRAE e Endeavor. Essas iniciativas não apenas os prepararam para ensinar empreendedorismo, mas também os inspiraram a abordar o tema de maneira mais eficaz, reconhecendo a importância da inovação pedagógica para aprimorar o ensino de empreendedorismo e adaptando-a às complexidades do cenário educacional e às necessidades individuais dos estudantes e das instituições de ensino superior.

De acordo com os professores, a inovação pedagógica na EE é crucial e exige preparo e apoio tanto dos professores quanto dos estudantes na utilização de novas tecnologias e abordagens educacionais. Nesse contexto, a metodologia pedagógica destaca o aluno como protagonista, e o professor atua como mentor e facilitador. Os professores desempenham um papel fundamental ao incentivar a leitura prévia, aprimorando as habilidades de escrita e pensamento crítico, e adotam diversas metodologias ativas, como o uso do Canvas, promovem feiras empreendedoras e visitas técnicas em Parques Tecnológicos, empreendimentos inovadores e incubadoras para ampliar a concepção dos estudantes sobre empreendedorismo. Também foi apontada pelos professores que a relação entre teoria e prática, por meio de projetos de pesquisa e aulas invertidas é reconhecida como essencial para um eficaz processo educacional, proporcionando aos estudantes uma ampla gama de experiências e aprimorando sua visão de mundo. Portanto, é imperativo que as instituições de ensino invistam em capacitação docente e ofereçam suporte necessário para que a inovação pedagógica seja bem-sucedida e benéfica para todos os envolvidos na educação empreendedora (Fayolle, 2018; Berglund & Verduijn, 2018).

Os professores entrevistados foram indagados sobre a eficácia da EE e suas percepções sobre os estudantes e as instituições de ensino. Metade dos professores acredita que a EE atende às necessidades dos estudantes, enquanto a outra metade discorda, argumentando que as universidades priorizam disciplinas voltadas para que busquem empregos em grandes empresas, ao invés de fomentar a criação de modelos de negócios inovadores e motivar os estudantes a empreenderem.

Quanto ao interesse dos estudantes pelo empreendedorismo, os professores observam um forte interesse por parte deles. No entanto, foram identificadas deficiências no sistema educacional, incluindo a falta de uma base sólida em empreendedorismo nas escolas de nível básico, a ausência de especialização por parte de alguns professores e a carência de uma cultura

empreendedora nas universidades. Os desafios enfrentados pelos professores entrevistados incluem a falta de recursos digitais, laboratórios e a dificuldade em manter a atenção dos estudantes em um ambiente repleto de distrações tecnológicas.

Quando questionados sobre as perspectivas para a educação empreendedora nos próximos anos, todos os entrevistados expressaram otimismo. Eles esperam uma expansão significativa do ensino do empreendedorismo em Sergipe e no Brasil, com a consolidação na educação básica e a disciplina de empreendedorismo em todos os cursos de graduação. Essas perspectivas refletem a crescente valorização do empreendedorismo como um caminho viável para gerar emprego, renda e inovação em um cenário econômico em constante evolução (Barreto & Garcia, 2020).

Principal contribuição

A pesquisa revelou que estas universidades estão adotando abordagens inovadoras, como feiras empreendedoras, sala de aula invertida, uso de metodologias ativas, visando à formação dos empreendedores. Assim, a educação empreendedora ministrada nestas instituições pode ser considerada inovadora, apesar das preocupações dos professores entrevistados quanto à carência de estrutura tecnológica para a implementação de metodologias inovadoras.

Conclui-se que as inovações pedagógicas estão presentes nos cursos de Administração das universidades de Sergipe, embora seu avanço ainda seja gradual. Observa-se um crescente interesse dos professores em pesquisar e implementar novas metodologias de educação empreendedora, especialmente aquelas que incorporam tecnologia para aprimorar as aulas expositivas. Sugere-se a realização de pesquisas futuras para investigar inovações pedagógicas em outros cursos que incluam o empreendedorismo em suas grades curriculares e a importância das universidades reavaliarem suas estruturas curriculares e encorajar os professores a repensarem suas abordagens pedagógicas.

BIBLIOGRAFIA

- Alvesson, M. (2003). Beyond Neopositivists, Romantics, and Localists: a reflexive approach to interviews in organizational research. *Academy of Management Review*, 28(1), 13-33.
- Araujo, G. F., & Davel, E. P. B. (2018). Educação Empreendedora: avanços e desafios, *Cadernos Gestão e Empreendedorismo*, 6(3), 47-68.

- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Barreto, M. C., & Garcia, C. P. (2020). Teoria e Prática no Ensino de Empreendedorismo Caminham Juntas? *Revista Empreendedorismo, Gestão e Negócios*, 9(9), 80-97.
- Berglund, K., & Verduijn, K. (Eds.). (2018). *Revitalizing Entrepreneurship Education: Adopting a Critical Approach in the Classroom*. London: Routledge.
- Cardow, A., & Smith, R. (2015). Using innovative pedagogies in the classroom - Re-storying Gothic tales as entrepreneur stories. *Industry & Higher Education*, 29(5), 361-374.
- Fayolle, A. (2018). *A research agenda for entrepreneurship education*. Cheltenham: Edward Elgar Publishing Limited.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Artmed.
- Guimarães, J. D. C., & Santos, I. F. D. (2020). Educação Empreendedora: A prática docente estimulando a mente do estudante. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 14(2), 130-151.
- Lima, E.; Lopes, R. M.; Nassif, V., & Silva, D. (2015). Opportunities to Improve Entrepreneurship Education: Contributions Considering Brazilian Challenges. *Journal of Small Business Management*, 53(4), 1-19.
- Marcovitch, J., & Saes, A. M. (2020). Educação empreendedora: trajetória recente e desafios. *Revista de Empreendedorismo Gestão de Pequenas Empresas*, 9(1), 01-09.
- MEC – Ministério da Educação. RESOLUÇÃO Nº 5, DE 14 DE OUTUBRO DE 2021. *Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Administração*. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-5-de-14-de-outubro-de-2021-352697939>. Acesso em: 03. Abr. 2022.
- Ribeiro, A. T. V. B., & Plonski, G. A. (2020). Educação Empreendedora: O que dizem os artigos mais relevantes? Proposição de uma revisão de literatura e panorama de pesquisa. *REGPE Entrepreneurship and Small Business Journal*, 9(1), 10-41.
- Schaefer, R., & Minello, I. F. (2016). Educação empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. *Revista de Administração Contemporânea*, 10(3), 60-81.
- Serdyukov, P. (2017). Innovation in education: what works, what doesn't, and what to do about it? *Journal of Research in Innovative Teaching & Learning*, 10(1), 4-33.

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA E PROJETO DE VIDA: RELATOS DOS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA NO BRASIL

Maria Vitória da Silva dos Santos, Departamento de Administração – Universidade Federal de Sergipe/Brasil, mv.sntos.adm@gmail.com

Gracyanne Freire de Araujo, Departamento de Administração – Universidade Federal de Sergipe/Brasil, gracyanne@gmail.com

Manuela Ramos da Silva, Departamento de Secretariado Executivo – Universidade Federal de Sergipe/Brasil, manuela@academico.ufs.br

Maria Elena Leon Olave, Departamento de Administração – Universidade Federal de Sergipe/Brasil, mleonolave@academico.ufs.br

PALAVRAS-CHAVE: Educação empreendedora, projeto de vida, estudantes, ensino médio, escola pública

Descrição geral

A Educação Empreendedora (EE) é um tema relevante no campo do empreendedorismo para a formação de empreendedores, na mobilização, criação e consolidação de negócios inovadores, além de promover mudanças sociais e econômicas. Pensar o empreendedorismo como projeto de vida é reafirmar a possibilidade da EE em desenvolver atitudes, valores, habilidades e conhecimento para a formação do indivíduo (Carvalho & Silva, 2022) transformando-o em um ator social capaz de ter iniciativa, análise crítica e espírito de cooperação, preocupando-se no bem-estar social e estimulando o desenvolvimento de projetos inovadores (Marcovitch & Saes, 2020).

Inserir a EE no ensino médio por meio de práticas educativas tem o objetivo de desenvolver o estudante para o mundo, priorizando habilidades para que eles possam utilizá-las em qualquer situação da vida. Tal iniciativa surge como forma de dinamizar o processo de ensino-aprendizagem do empreendedorismo nas escolas (Reina & Santos, 2017). No Brasil, o Ministério da Educação (MEC, 2022) atualizou as Diretrizes Curriculares Nacionais para o

B.1. Trabalhos de investigação sobre o processo de ensino e aprendizagem do empreendedorismo

ensino médio, revisando a estrutura curricular e introduzindo Itinerários Formativos em diversas áreas do conhecimento. Uma dessas áreas é o Empreendedorismo.

Dessa forma, a introdução do empreendedorismo no currículo do Novo Ensino Médio necessita que as escolas se adaptem à nova exigência quanto à didática pedagógica, ampliando o conhecimento técnico e científico, permitindo que a comunidade escolar atenda às expectativas do estudante em relação ao desenvolvimento de competências voltadas para a criatividade e inovação. Uma das propostas dessa temática a ser discutida na comunidade escolar é oportunizar os estudantes a fortalecer habilidades e desenvolver o processo criativo, e por meio da formação empreendedora e planejem uma visão de futuro. Assim, esses estudantes irão conhecer suas potencialidades, adquirindo competências necessárias para promover e fortalecer seus projetos de vida (Barreto & Garcia, 2020).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) infere 10 competências que os estudantes devem desenvolver durante o novo ensino médio: conhecimento; pensamento científico, crítico e criativo; repertório cultural; comunicação; cultura digital; trabalho e projeto de vida; argumentação; autoconhecimento e autocuidado; empatia e cooperação; responsabilidade e cidadania. Tais competências contribuem na formação individual quanto à valores e atitudes, viabilizando o crescimento pessoal e profissional dos estudantes (Brasil, 2018). Assim, o foco deste trabalho é discutir sobre a EE no ensino médio, pois permite apresentar uma nova visão profissional aos estudantes, para que transformem seus sonhos em realidade, alcançando um projeto de vida por meio do empreendedorismo (Dias & Mariano, 2017).

Objetivo

Este estudo tem como objetivo apresentar os projetos de vida dos estudantes do ensino médio de uma escola pública no Brasil, a partir do empreendedorismo.

Metodologia de investigação

Metodologicamente, esta pesquisa se caracteriza como qualitativa e foi utilizada a estratégia do focus group (grupo focal), utilizando a técnica da entrevista e da observação, mediante a análise de conteúdo. A estratégia do grupo focal permitiu o surgimento de pontos de vista diversificados, em que o contexto de interação entre a pesquisadora e os grupos entrevistados possibilitasse a captação de vários significados (Gatti, 2010). Dois grupos focais com estudantes do ensino médio de uma escola pública da cidade de Aracaju/Sergipe/Brasil participaram desta pesquisa. Cada grupo foi formado por 10 estudantes, número ideal de

B.1. Trabalhos de investigação sobre o processo de ensino e aprendizagem do empreendedorismo

peçoas para participarem de um grupo focal (Michel, 2015). Entrevistas coletivas foram realizadas com os estudantes para entender seus projetos de vida, utilizando-se um roteiro semiaberto (Barbour & Schostak, 2010). A análise de conteúdo do material coletado seguiu as seguintes etapas: transcrição das entrevistas; leitura flutuante e destaque das principais ideias; comparação entre as falas dos estudantes e os temas apresentados e; análise reflexiva das ideias (Bardin, 2011).

Principais resultados esperados

Os projetos de vida apresentados pelo dois grupos estão diretamente associados à conquista da graduação e independência financeira. O eixo do Empreendedorismo reforçou o desenvolvimento e a prática de competências socioemocionais, apresentando aos estudantes conteúdo teórico-prático sobre as profissões do futuro em uma sociedade marcada por incertezas econômicas, de modo que eles consigam “sobreviver em um mundo complexo e dinâmico” (Carvalho & Silva, 2023, p. 25). Em ambos os grupos focais, os estudantes apresentaram projetos de vida voltados para a formação acadêmica e a realização de sonhos pessoais, em que a família esteja envolvida. Destaca-se que, a Atividade Integradora Eletiva é uma parte flexível da Matriz Curricular do novo ensino médio, assim deve compor a trajetória de formação do estudante auxiliando na preparação para o acesso à educação superior (Sergipe, 2021).

Os estudantes entrevistados, nos dois grupos focais, atingiram um dos objetivos do eixo do Empreendedorismo exposto no Caderno de Orientações Pedagógicas Eletivas (Sergipe, 2021), que é desenvolver projetos de vida por meio do ensino do empreendedorismo. Diante dos relatos, percebeu-se que os estudantes desenvolveram autonomia, foco e determinação para que conseguissem planejar seus respectivos projetos de vida. Com isso, Soares et. al. (2021) sugerem que a instituição de ensino deve aproveitar o processo de ensino-aprendizagem para proporcionar uma reflexão sobre o empreendedorismo enquanto projeto de vida, auxiliando os estudantes a criarem algo novo, seja um produto, o desenvolvimento de um projeto ou a participação de uma ação comunitária.

Na análise dos projetos de vida dos estudantes entrevistados, verificou-se que a intenção de empreender ficou em segundo plano. Tal perspectiva ocorre pela falta de alinhamento de planejamento de ensino entre os professores e a direção da instituição. Assim, as metodologias pedagógicas utilizadas em sala de aula não despertaram nos estudantes a intenção de empreender, não atingindo desta forma um dos objetivos específicos que estão expostos no

Caderno de Orientações Pedagógicas Eletivas (Sergipe, 2021), que é utilizar o conhecimento e habilidades desenvolvidas pelos estudantes para despertar a iniciativa de empreender.

Principal contribuição

O objetivo desta pesquisa foi apresentar os projetos de vida dos estudantes do ensino médio de uma escola pública no Brasil, a partir do empreendedorismo. Diante dos grupos focais, os estudantes apresentaram, por unanimidade, que os seus projetos de vida estão concentrados na conquista para a formação superior e buscar a independência financeira. Os relatos dos estudantes deixam nítidos que apesar das dificuldades de ensino na rede pública no Brasil, os estudantes pensaram e projetaram seus projetos pessoais a partir do ensino do empreendedorismo, demonstrando a importância do tema para a Matriz Curricular do ensino médio.

A metodologia do grupo focal foi importante por retratar, de forma coletiva, o que pensam os estudantes e como eles puderam compartilhar suas angústias e perspectivas de futuro, pensando no empreendedorismo, conhecendo as opiniões uns dos outros. Neste caso, a Educação Empreendedora se torna necessária para o desenvolvimento dos estudantes como cidadãos e líderes na sociedade contemporânea.

Os resultados desta pesquisa podem contribuir para o processo de ensino-aprendizagem no novo ensino médio, ajudando os estudantes a se identificarem com sua profissão, por meio do empreendedorismo. Desta forma, é crucial que os professores e a direção escolar possuam um alinhamento das estratégias pedagógicas de ensino. Foi possível identificar que os estudantes que participaram desta pesquisa, o ensino do empreendedorismo, teve uma contribuição vital na escolha da carreira e/ou profissão. Os resultados deste estudo não são motivados em criticar o projeto do Novo Ensino Médio, pois o ano de 2023 foi propício para a discussão sobre a implementação e reformulação do ensino médio no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

Barbour, R. S. Focus groups. (2010). In: Bourgeault, I.; Dingwall, R.; Vries, Raymond (org.) The SAGE Handbook of Qualitative Methods in Health Research. London, UK: Sage Publications Ltd.

Bardin, L. (2011). Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70.

B.1. Trabalhos de investigação sobre o processo de ensino e aprendizagem do empreendedorismo

- Barreto, M. C., & Garcia, C. P. (2020). Teoria e Prática no Ensino de Empreendedorismo Caminham Juntas? *Revista Empreendedorismo, Gestão e Negócios*, 9(9), 80-97.
- Carvalho, A. J. C., & Silva, M. R. (2022). Práticas implementadas para formação empreendedora na educação básica. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 16(2), 73-95.
- Dias, B. F. B., & Mariano, S. R. H. (2017). Educação empreendedora na educação básica e o homem parentético de Guerreiro Ramos. *Cadernos de Gestão e Empreendedorismo*, 5(2), 55-66.
- Gatti, B. A. (2005). Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas. Série Pesquisa em Educação. 10(2), Brasília-DF: Líber Livro.
- Marcovitch, J., & Saes, A. M. (2020). Educação empreendedora: trajetória recente e desafios. *Revista de Empreendedorismo Gestão de Pequenas Empresas*, 9(1), 01-09.
- MEC – Ministério da Educação. RESOLUÇÃO Nº 5, DE 14 DE OUTUBRO DE 2021. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Administração. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-5-de-14-de-outubro-de-2021-352697939>. Acesso em: 03. Abr. 2022.
- Michel, M. H. (2015). Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. 3 ed. São Paulo: Atlas.
- Reina, F. T., & Santos, R. A. (2017). Educação empreendedora: práticas educativas para dinamizar a ascensão pessoal e profissional dos alunos. *Temas em Educação e Saúde*, 13(1), 147-163.
- Sergipe. Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura. (2021). Caderno de orientações pedagógicas eletivas.
- Soares, T. P. et al. (2021). Educação empreendedora na educação básica: a perspectiva dos pais. *Revista Imagens da Educação*, 11(4), 191-212.

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO: O CASO DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA NO PARANÁ - BR

Rejane Heloise dos Santos, Universidade Estadual do Paraná,
rejane.santos@unespar.edu.br

Julio Ernesto Colla, Universidade Estadual do Paraná, julio.colla@unespar.edu.br

Paulo Afonso, Universidade do Minho, psafonso@dps.uminho.pt

PALAVRAS-CHAVE: Educação empreendedora, empreendedorismo em administração,
empreendedorismo

Descrição geral e objetivos

Dornelas (2018) classifica o momento atual de “era do empreendedorismo”, uma vez que a velocidade do avanço tecnológico requer um número muito maior de empreendedores do que antes. Na perspectiva do autor, são eles os responsáveis por dirimir barreiras culturais, comerciais, reduzir distâncias, renovar conceitos económicos, globalizar, criar novas relações de trabalho, novos empregos, quebrando paradigmas e gerando riqueza para a sociedade. Na chamada nova economia, era da Internet, startups, redes sociais, os negócios podem tornar-se grandiosos em espaços de tempo mais curtos, algo era inconcebível em anos anteriores (Dornelas, 2018).

Nas últimas duas décadas, os termos “empreendedor” e “empreendedorismo” tornaram-se comuns em ambientes académicos, agendas políticas e planeamentos pessoais. A propagação do conceito de indivíduo empreendedor como ator económico, com iniciativa inovadora propagou a importância desses termos na elaboração de projetos individuais de vida e instrumentos para o desenvolvimento económico e social. Essa maior demanda social aumentou também a busca por conhecimento e estímulo ao desenvolvimento de projetos empreendedores e iniciativas de educação empreendedora (Saes & Marcovitch, 2020). Embora o empreendedorismo seja relevante para o contexto brasileiro, já que o país costuma figurar entre os primeiros lugares no ranking mundial de empreendedorismo, apenas recentemente o tema da Educação Empreendedora (EE) tem sido considerado (Cassol et al., 2022).

B.1. Trabalhos de investigação sobre o processo de ensino e aprendizagem do empreendedorismo

Neste sentido, embora o contexto atual seja propício para o surgimento de um número cada vez maior de empreendedores, tornam-se também necessárias preocupações com o ensino do empreendedorismo no país, ampliando a preocupação das escolas e universidades com a criação de cursos e disciplinas correlatas (Dornelas, 2018). Segundo Dornelas (2018), a capacitação dos candidatos a empreendedor vem sendo prioridade em muitos países, sendo o Brasil um deles, com a criação de cursos e matérias específicas de empreendedorismo como alternativa aos jovens profissionais que se graduam anualmente no ensino técnico e superior brasileiros e, mais recentemente, também no ensino fundamental.

Logo, a preocupação com EE é importante também porque, historicamente no Brasil, as causas principais do insucesso das novas empresas brasileiras relacionam-se com a falta de planejamento e falta de capacitação empresarial (Meirelles, 2008). Estudos anteriores observaram que as bases e os valores do ensino tradicional no país não costumavam apontar para o empreendedorismo, voltando-se para a formação de profissionais que buscariam empregos no mercado de trabalho (Dornelas, 2018, Schaefer & Minello, 2016). Ademais, o modelo de educação formal brasileiro apresenta falhas porque é pouco sintonizado com a realidade e necessidades de seus ambientes e apresenta carência de formação prática. Até mesmo empreendedores que buscam educação formal, não conseguem a capacitação necessária por falhas no próprio ensino que, frequentemente, apenas apresenta as ferramentas gerenciais, mas não ensina de que forma essas ferramentas podem ser aplicadas na prática e os benefícios que essa aplicação pode trazer para o empreendedor e seu negócio (Cruz Júnior et al., 2006). Nesse sentido, entender melhor como funciona o processo empreendedor pode contribuir para que as estatísticas brasileiras se mantenham em patamares mais equiparados aos países desenvolvidos (Dornelas, 2018).

Sendo assim, questões importantes relacionadas à educação empreendedora emergem, tais como: Como o empreendedorismo tem sido trabalhado em instituições de ensino? A educação empreendedora brasileira é mais teórica ou prática? Como os alunos avaliam a educação empreendedora que recebem? Logo, o objetivo do presente trabalho consiste em compreender aspectos relacionados ao ensino de empreendedorismo na universidade pública a partir do caso de uma universidade estadual.

Referencial teórico

Segundo Cruz et al. (2006), a educação empreendedora formal é classificada como importante meio de obtenção de conhecimento a fim de atingir o sucesso do empreendimento.

B.1. Trabalhos de investigação sobre o processo de ensino e aprendizagem do empreendedorismo

É a partir dela que o indivíduo deveria obter acesso ao conhecimento de técnicas, habilidades e informações capazes de estruturar suas ideias e identificar oportunidades de novos negócios. No entanto, tratando-se das ferramentas de gestão aprendidas em cursos com ênfase em empreendedorismo, Cruz et al. (2006) afirmam que apesar da sua importância para o empreendedor, estas podem ser desnecessárias ou inadequadas ao tamanho do empreendimento.

É possível desenvolver um perfil empreendedor por meio do processo de ensino-aprendizagem. Logo, EE é definida como processo de desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes, não apenas um processo de transmissão de conhecimento. A origem do ensino de empreendedorismo está associada aos cursos de graduação em gestão ou administração de empresas como necessidade prática, mas o impasse é que o foco utilizado pelas escolas de administração em relação a formação de empreendedores costuma ser formação de executivos e gestores de organizações, ao invés de estimular alunos a abrirem novos empreendimentos que atendam reais necessidades sociais e econômicas do país (Amaral, Hernandez & Bastos, 2020).

Quando a formação empreendedora é comparada com a educação tradicional, os estudos têm discutido a necessidade de novos modelos pedagógicos relacionados aos comportamentos e competências requeridas ao indivíduo empreendedor. Defende-se que o dia-a-dia de um empreendedor demanda decisões complexas e diferentes para situações específicas que não podem ser enquadradas em uma teoria única, universal, aplicável a todas as realidades empresariais. Torna-se necessário, uma educação que busque o desenvolvimento do ser empreendedor a partir de *insights* e reflexões que contribuam para o seu desenvolvimento (Bastos, Neto & Diniz, 2021, Nascif et al., 2009, Schaefer & Minello, 2016; 2017).

As instituições enfrentam desafios em ensinar empreendedorismo em culturas de elevada intolerância ao risco e à incerteza, como o Brasil (Bastos, Neto & Diniz, 2021, Schaefer & Minello, 2016). É unânime na literatura sobre EE, o debate acerca da necessidade de novas e mais efetivas práticas pedagógicas para ensinar Empreendedorismo (Bastos, Neto & Diniz, 2021, Cassol et al., 2022, Schaefer & Minello, 2016, Stadler, Alberton & Smith, 2022). Logo, enquanto alguns conhecimentos podem ser compartilhados por meio de metodologias tradicionais (como conteúdos básicos do ensino médio, por exemplo), outros são fundamentados em valores, comportamentos e atitudes que necessitam ser desenvolvidos nos indivíduos, tornando mais difícil sua aquisição (Bastos, Neto & Diniz, 2021; Schaefer & Minello, 2016). É unânime na literatura sobre EE, o debate acerca da necessidade de novas e

B.1. Trabalhos de investigação sobre o processo de ensino e aprendizagem do empreendedorismo

mais efetivas práticas pedagógicas para o ensino de Empreendedorismo, sobretudo no contexto brasileiro (Bastos, Neto & Diniz, 2021, Cassol et al., 2022, Schaefer & Minello, 2016, Stadler, Alberton & Smith, 2022).

Evidências recentes apontam que atividades curriculares institucionais (intervenções educativas oferecidas dentro da sala de aula e planejadas pelos órgãos institucionais), geralmente atreladas à educação tradicional, possuem menos impacto na EE dos discentes do que as atividades extracurriculares (realizadas por órgãos institucionais, mas oferecidas fora da sala de aula). Logo, é possível à universidade viabilizar atividades como: concursos de empreendedorismo; orientação de professores; atividades de incubadora; experiências profissionais aos alunos na forma de estágios em empresas, como programas cooperativos, estágios em ambientes empreendedores, *start-ups* ou estágios tradicionais; tutorias fornecidas por professores ou órgãos institucionais; apoio prestado por incubadoras; programas de intercâmbio realizados institucionalmente por meio de parcerias e bolsas de estudo e cursos extracurriculares orientados para a tecnologia (Ribeiro, Borini & Plonsky, 2022).

Verifica-se na prática, no entanto, que os modelos utilizados na maioria das instituições de ensino não estão focados na formação do profissional empreendedor, estando mais propensos a criar profissionais para ocupar vagas de trabalho (Rocha & Freitas, 2014). Segundo Tscha e Cruz Neto (2014), essa forma de ensinar faz com que alunos que poderiam se tornar empreendedores desistam dos cursos, e de suas vocações, abandonando seus ideais e se tornando meros reprodutores de ideias.

Aspetos metodológicos

O presente estudo é de natureza qualitativa (Godoy, 1995), descritiva (Triviños, 1987), considerando o objetivo do presente trabalho de compreender aspetos relacionados ao ensino de empreendedorismo na universidade pública a partir do caso de uma universidade estadual.

Foram aplicados questionários estruturados autoaplicáveis, de cunho qualitativo, com questões abertas, aos alunos egressos que concluíram a disciplina de “Empreendedorismo e Criação de Novos Negócios” do Curso de Administração da referida universidade. A escolha dos entrevistados foi não probabilística e por adesão dos alunos egressos. Todos os alunos que concluíram o curso nos últimos cinco anos foram convidados a participar da pesquisa (de 2018 a 2022, totalizando 240 alunos), recebendo o formulário via e-mail (em três rondas de envio). Dos 240 alunos, 28 finalizaram o questionário. Ressalta-se que embora a taxa de resposta não

tenha sido elevada, trata-se de um questionário qualitativo, com 16 questões abertas para que o respondente indicasse as suas respostas. Este método foi utilizado de forma exploratória para que os respondentes dissertassem livremente sobre o tema. De acordo com Ganassali (2008), o tamanho ótimo recomendado para questionários autoadministrados é entre 15 e 30 questões.

A análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo (Bardin, 1979), mediante utilização do software Atlas.TI®, específico para análises de dados qualitativos. Essa etapa seguiu as fases principais de pré-análise, exploração do material, e tratamento dos resultados. As categorias de análise para o trabalho foram: “expectativas do discente sobre a disciplina de Empreendedorismo”; “habilidades e competências do Empreendedor” e “práticas e vivências empreendedoras”.

BIBLIOGRAFIA

- Amaral, M., Hernandez, C. T., & Bastos, M. H. R. (2018). The entrepreneurial profile of Brazilian business administration students. *International Journal of Innovation Science*, 10(2), 160-177.
- Bardin, L. (1979) *Análise de conteúdo*, Lisboa: Edições 70.
- Bastos, M. F., de Souza Neto, B., & Diniz, D. M. (2021). Não-manual do empreendedorismo: Atividades reflexivas para uma educação empreendedora: Atividades reflexivas para uma educação empreendedora. *Revista da Micro e Pequena Empresa*, 15(1), 24-40.
- Cassol, A., Tonial, G., Machado, H. P. V., Dalbosco, I. B., & Trindade, S. (2022). Determinants of entrepreneurial intentions and the moderation of entrepreneurial education: A study of the Brazilian context. *The International Journal of Management Education*, 20(3), 100716.
- Cruz Júnior, J. B., Araújo, P. C., Wolf, S. M., Ribeiro, T. V. A. da Costa, P., Wolf, S. M., & Ribeiro, T. V. (2006). Empreendedorismo e educação empreendedora: confrontação entre a teoria e prática. *Revista de Ciências da Administração*.
- Dornelas, J. C. A. (2018). *Empreendedorismo: transformando idéias em negócios*. 7ª.
- Ganassali, S. (2008) The influence of the design of web survey questionnaires on the quality of responses. *Survey Research Methods*, 2(1), 2008.

B.1. Trabalhos de investigação sobre o processo de ensino e aprendizagem do empreendedorismo

- Godoy, A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de administração de empresas*, 35, 57-63.
- Nassif, V. M. J., Amaral, D. J., & Prando, R. A. (2012). A. A Universidade desenvolve competências empreendedoras? Um mapeamento das práticas de ensino numa universidade brasileira. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 13(3), 597-628.
- Meirelles, F. S. (2008) *Empreender também se aprende na escola*. Conexão Sebrae, São Paulo, 3(15).
- Ribeiro, A. T. V. B., Borini, F. M., & Plonski, G. A. (2022). The question of where: entrepreneurship education beyond curricular practices. *Education+ Training*, 65(4), 513-529.
- Rocha, E. L. D. C., & Freitas, A. A. F. (2014). Avaliação do ensino de empreendedorismo entre estudantes universitários por meio do perfil empreendedor. *Revista de Administração contemporânea*, 18, 465-486.
- Saes, A. M., & Marcovitch, J. (2020). Educação empreendedora: trajetória recente e desafios. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 9(1), 1-9.
- Schaefer, R., & Minello, I. F. (2016). Educação empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 10(3), 60-81.
- Stadler, A., Alberton, A., & Smith, A. M. (2022). Entrepreneurship education in Brazil: Brazilian and Scottish approaches to policy and provision in vocational education. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 29(4), 645-662.
- Triviños, A. N. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*.
- Tschá, E. R., & Cruz Neto, G. G. (2014). Empreendendo colaborativamente ideias, sonhos, vidas e carreiras. Becker, AR Educação Empreendedora. In: GIMENEZ, FAP et. al.(org.) *Educação para o empreendedorismo*. Curitiba: Agência de Inovação da UFPR.

EDUCAÇÃO PARA O EMPREENDEDORISMO NO ENSINO SUPERIOR: PERCEÇÕES DOS PROFESSORES E ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS EM TIMOR-LESTE

Bia Ble Hitu Carvalho de Jesus, Universidade de Évora, lebi241107@gmail.com

Rui Quaresma, Universidade de Évora, quaresma@uevora.pt

Conceição Leal da Costa, Universidade de Évora, mclc@uevora.pt

PALAVRAS-CHAVE: Educação para o empreendedorismo, estudo de caso, opções pedagógicas

Descrição geral

Nas últimas décadas, os estudos sobre o empreendedorismo avançaram bastante e reconhecidos pela comunidade internacional dada a sua relevância na criação e/ou expansão de empresas inovadoras, o seu papel importante na geração de emprego e o seu contributo para impulsionar o desenvolvimento económico e social de uma região (GEM, 2019). A promoção do empreendedorismo, através da educação, como forma de aprendizagem ao longo da vida, favorece uma colaboração estreita entre o “mundo do trabalho” e as escolas/instituições educativas, constituindo-se como fator-chave do crescimento económico sustentável assente na inovação (Redford, 2013). Do mesmo modo, verificou-se um aumento da investigação académica relativamente à importância do sistema educacional para o empreendedorismo e a sua eficácia na promoção das intenções e comportamentos empreendedores nos estudantes (Lackéus, 2015). A promoção do espírito empreendedor nos estudantes também se tornou uma parte importante na política industrial e educacional em muitos países (GEM, 2019; Lackéus, 2015). Os estudos anteriores destacando o papel importante da universidade neste contexto e a necessidade de reduzir os índices de desemprego e impulsionar o desenvolvimento social e económico em Timor-Leste, especialmente entre os jovens (Xavier, 2013).

Objetivo

O objetivo geral desta investigação é identificar e descrever as ferramentas e metodologias pedagógicas utilizadas na leção das unidades curriculares (UCs)

relacionadas com a educação para o empreendedorismo no ensino superior em Timor-Leste, bem como analisar e compreender os seus impactos no desenvolvimento social e económico do país.

Metodologia de investigação

A implementação da educação para o empreendedorismo no ensino superior timorense é um tema bastante recente, embora existe já alguns estudos em relação ao empreendedorismo que sublinham o papel importante da Universidade na promoção do empreendedorismo, e a importância de incluir o tema nos currículos dos cursos (Xavier, 2013). Neste sentido, o estudo desenvolvido é essencialmente, de natureza exploratória e adota uma modalidade de estudo de caso, numa instituição superior de Timor-Leste, a Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL), a única universidade pública no país. Pois, de acordo com Coutinho (2021), o estudo de caso é uma investigação empírica que examina um caso em profundidade no seu ambiente natural. Este tipo de estudo permite ampliar o conhecimento sobre a realidade que estudamos, interrogando a situação, confrontando-a com outros casos já se conhece ou com teorias existentes, ajudando a gerar novas teorias e novas questões para futura investigações. Dessa forma, a opção metodológica deste estudo assenta-se num paradigma qualitativo (indutivo) e numa tipologia de investigação exploratória, seguindo um quadro de investigação interpretativa. O processo de recolha de dados foi feito em duas etapas, sendo a primeira constituída por uma análise documental, apoiada na recolha de dados secundários. Foi realizada uma investigação bibliográfica de publicações e artigos para desenvolver o enquadramento teórico do estudo. Na segunda etapa, foram desenvolvidas análises qualitativas através da recolha de dados primários em duas fases distintas. Na primeira etapa, a recolha de dados foi realizada por meio de entrevistas a 10 professores que lecionam as UCs de Empreendedorismo. O guião da entrevista baseou-se do guião de entrevista desenvolvido por Redford (2006). Pretendeu-se com estas entrevistas identificar e descrever as ferramentas e metodologias pedagógicas utilizadas na leção das UCs relacionadas com os conteúdos de empreendedorismo no ensino superior em Timor-Leste. A segunda etapa consiste na recolha de dados de natureza quantitativa junto aos dois grupos de estudantes: os estudantes que ainda não frequentaram a UC de Empreendedorismo e os estudantes que já frequentaram esta UC. O desenvolvimento do questionário foi baseado no modelo de Liñán e Chen (2009) e pretendeu analisar e compreender os processos de educação para o empreendedorismo do ponto de vista

dos estudantes. Deste modo, realiza-se uma triangulação de dados com o objetivo de enriquecer e complementar o resultado da investigação.

Principais resultados obtidos

Com base nos dados recolhidos junto dos professores, verificou-se que na UNTL a UC de Empreendedorismo foi oferecida nos anos letivos de 2014 depois da Universidade optou por utilizar o sistema de ECTS, sendo lecionada a nove cursos de licenciatura, pertencentes a quatro Faculdades: Economia e Gestão (FEG), Agricultura (FAGRI), Engenharia, Ciência e Tecnologia (FECT), e Ciências Sociais (FCS). O conteúdo do empreendedorismo foi introduzido em oito cursos com a designação “Empreendedorismo e Inovação” e no curso de Engenharia Informática como “Technopreneurship”. Entre os 10 professores que participaram no estudo, oito são homens e duas são mulheres. Quanto ao nível de escolaridade, três têm o grau de doutor, seis de mestre e apenas uma pessoa é detentora do grau de licenciada. Apenas um professor dedica a sua investigação ao tema do empreendedorismo e todos os professores afirmaram que não tinham qualquer conhecimento relacionado com investigação académica que tenha sido desenvolvida na área da Educação para o Empreendedorismo no país. O processo de preparação de planos e guiões de ensino para este curso é da responsabilidade de cada professor. Quanto à sua implementação na sala de aula, verificou-se que apenas uma Faculdade utilizou o regime de co-docência. Os professores entrevistados revelaram que a falta de incentivos disponibilizada pela universidade dificultava as abordagens dos objetivos da disciplina, as quais privilegiam mais as atividades práticas. Consequentemente, estes temas também foram menos abordados nos conteúdos das disciplinas durante a formação; constatou-se também que as aulas expositivas foram utilizadas com maior frequência na sala de aulas durante a última edição da UC, seguidas pela criação de planos de negócio e seminários. Quanto ao processo de avaliação, os professores, geralmente, avaliam através de uma avaliação escrita com perguntas de desenvolvimento, trabalhos individuais e apresentação oral, seguindo os procedimentos de avaliação impostos pela universidade. E, como material de leitura, são mais utilizados materiais didáticos disponíveis na internet e livros escritos por professores. Estabelecendo uma ligação entre os resultados das entrevistas dos professores e os resultados obtidos a partir das respostas dadas ao grupo dos estudantes que já frequentaram o conteúdo do empreendedorismo, evidencia-se que existe uma associação direta entre as opções pedagógicas implementadas pelos professores no processo de ensino e na aprendizagem recebida pelos estudantes. A análise comparativa de dois grupos dos estudantes, permite concluir que os

B.1. Trabalhos de investigação sobre o processo de ensino e aprendizagem do empreendedorismo

estudantes que frequentaram a UC de Empreendedorismo ingressaram em mais atividades de empreendedorismo, comparativamente aos estudantes do outro grupo. O resultado também evidencia que este grupo de estudantes mostra maior grau do controlo do comportamento empreendedor e intenção empreendedora, comparativamente ao grupo de estudantes que ainda não frequentou a UC. Verificou-se também que, ao nível da universidade, ainda não foi criado um gabinete dedicado à temática de empreendedorismo para desenvolver iniciativas, com infraestruturas de incubação, como um ecossistema empreendedor, de modo a captar alguns financiamentos externos para incentivar a promoção de competências empreendedoras no ambiente universitário. Além disso, a maioria dos professores entrevistados apresentou uma maior preocupação com a importância de criar um centro de empreendedorismo na universidade e estabelecer parceria com as outras entidades interessadas para facilitar a aplicação das metodologias mais ativas no processo de ensino e aprendizagem mais adequado ao ensino de Empreendedorismo.

Principal contribuição

O presente estudo contribui diretamente para ampliar o conhecimento científico existente sobre o papel importante do empreendedorismo, a eficácia da educação para o empreendedorismo, as competências de ensino como antecedentes das intenções empreendedoras dos estudantes, as opções pedagógicas mais apropriadas para o ensino e aprendizagem do empreendedorismo e as tendências da educação para o empreendedorismo no sistema de educação formal no contexto de uma IES de um país em desenvolvimento, ou seja, Timor-Leste. O presente estudo também apresenta algumas abordagens pedagógicas atuais e refere os métodos de aprendizagens criativas e inovadoras apropriadas para garantir a efetividade da implementação de programas de empreendedorismo em IES. Permitirá, assim, retirar importantes implicações para revitalizar a educação para o empreendedorismo na instituição investigada, especialmente ao nível do currículo, das estratégias, dos métodos, das instalações e infraestrutura, e até do próprio ambiente de aprendizagem para promover o empreendedorismo e a inovação no ambiente escolar e fomentar as competências empreendedoras nos seus estudantes.

BIBLIOGRAFIA

- Coutinho, C. P. (2021). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática* (2ª ed.). Coimbra: Almedina.
- Global Entrepreneurship Monitor Report. (2019). GEM 2019 Global Executive Report. <https://www.gemconsortium.org/report/gem-2018-2019-global-report>
- Lackéus, M. (2015). *Entrepreneurship in Education: What, Why, When, How. Entrepreneurship 360 – Background Paper*. European Commission.
- Liñán, F., & Chen, Y. W. (2009). Development and cross-cultural application of a specific instrument to measure entrepreneurial intentions. *Entrepreneurship Theory & Practice*, 33(3), 593-617. DOI: DOI: [10.1111/j.1540-6520.2009.00318.x](https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2009.00318.x)
- Redford, D. T. (2006). Entrepreneurship education in Portugal: 2004/2005 national survey. *Comportamento Organizacional e Gestão*, 12, 19-41.
- Redford, D. T. (2013). *Handbook de educação em empreendedorismo no contexto português*. Porto: Universidade Católica Editora.
- Xavier, T. S. (2013). *Projeto EmpreendeTIMOR: um contributo para a promoção do empreendedorismo em Timor-Leste*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho, Portugal. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/26625/1/Tese_Tomas%20Soares%20Xavier_20.11.13.pdf

EMPREENDEDORISMO E EDUCAÇÃO PARA CIDADÃOS PRIVADOS DE LIBERDADE – UM ESTUDO EM PORTUGAL

Paula Anjos, Universidade de Évora, d.50515@alunos.uevora.pt

Rui Quaresma, Universidade de Évora, quaresma@uevora.pt

Conceição Leal da Costa, Universidade de Évora, mclc@uevora.pt

PALAVRAS-CHAVE: Educação para o empreendedorismo; sistema prisional; aprendizagem ao longo da vida; cidadãos adultos; privação de liberdade

Descrição geral

A Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP) é um organismo do Ministério da Justiça. No quadro regulamentar da DGRSP, a sua missão compreende a execução de medidas de reinserção social e a gestão articulada e complementar dos sistemas tutelar educativo e prisional (Plano de atividades da DGRSP, 2022, p. 9). De acordo com o artigo 12º do Decreto-Lei nº 123/2011, de 29 de dezembro e o artigo 3º do Decreto-Lei nº 215/2012, de 28 de setembro, uma das atribuições da DGRSP é “Executar penas e medidas privativas da liberdade, orientando a intervenção para a reinserção do agente de crime na sociedade, preparando-o para conduzir a sua vida de modo socialmente responsável, sem cometer crimes” (Plano de atividades 2022 da DGRSP, p. 10). Esta premissa de execução de penas e medidas privativas de liberdade inclui o desenvolvimento de atividades de tratamento prisional nas áreas de ensino e formação profissional. O principal objetivo educacional é dotar os cidadãos privados de liberdade das adequadas competências para que a sua reinserção social seja bem-sucedida. A educação deverá contribuir para a diminuição da reincidência criminal e conduzir a benefícios, pessoais, sociais e económicos, não apenas para a comunidade na qual o recluso se insere, mas também de âmbito nacional. Por detrás das grades, a aprendizagem e o empreendedorismo podem manifestar-se e promover-se de várias formas. Para tanto, contribuem o que já sabem, o que, com quem e como podem aprender, numa perspetiva de educação ao longo da vida. A educação para o empreendedorismo compreende os programas pedagógicos, ou processos de desenvolvimento, que contribuem para a aquisição de

B.1. Trabalhos de investigação sobre o processo de ensino e aprendizagem do empreendedorismo

competências e atitudes empreendedoras (Sousa, Almeida, Mansur-Alves & Huziwarra, 2022). Quando abordamos temas como a privação de liberdade, a educação para o empreendedorismo é fundamental para uma reintegração social bem-sucedida (Sonfield, Lussier & Barbato, 2001; Keena & Simmons, 2014; Patzelt, Williams & Shepherd, 2014). Nesse sentido, o Sistema Educacional Prisional Português (SEPP) assume um papel fundamental nas ligações entre a vida dentro e fora da prisão, oferecendo oportunidades aos cidadãos privados de liberdade de aumentarem as suas qualificações e também de desenvolverem habilidades. Assim, o SEPP pode ser entendido como um fio condutor entre a educação e o empreendedorismo.

Os estudos já existentes refletem os efeitos que a educação para o empreendedorismo tem nos reclusos, mas não investigam como ocorrem os inerentes processos educacionais. São exemplo desses estudos, Sonfield, Lussier e Barbato (2001) que testaram algumas hipóteses nos Estados Unidos da América e afirmam que os reclusos que não frequentaram programas, ou qualquer formação para o empreendedorismo, têm maior probabilidade de reincidir. Keena e Simmons (2014) revelam que a maioria dos ex-reclusos que frequentaram um programa educacional para o empreendedorismo tinham emprego. Patzelt, Williams e Shepherd (2014) demonstram que a educação para o empreendedorismo pode ser bastante eficaz, porque fornece uma carreira alternativa aos ex-reclusos, transformando as suas atitudes em relação a eles próprios. No Paquistão, Akhtar (2021) desenvolveu um modelo para compreender o efeito da educação para o empreendedorismo. Conclui-se que se a educação for possibilitada aos reclusos, com qualidade e alinhada com perspetivas de aprendizagem ao longo da vida, a possibilidade destes adquirirem adequadas competências empreendedoras para criarem o seu próprio negócio e/ou serem socialmente bem sucedidos, aumenta.

Objetivo

O objetivo deste trabalho é investigar como a educação para o empreendedorismo se implementa no sistema prisional em Portugal, como resposta adequada à reintegração social dos cidadãos adultos, privados de liberdade. Pretende-se averiguar como funciona esse modelo e se uma educação para o empreendedorismo ajuda os reclusos a identificar e desenvolver competências, bem como a reconhecer e implementar oportunidades empreendedoras. Analisar em que medida o sistema educacional prisional português contribui para que cidadãos, adultos privados de liberdade, identifiquem competências, reconheçam oportunidades empreendedoras e as implementem.

Metodologia de investigação

A investigação baseia-se num estudo exploratório, de natureza qualitativa, num paradigma interpretativo, baseado em Yin (2018). Os dados são de natureza diversa, permitindo uma triangulação com conseqüente compreensão. As fontes de informação/dados são a documentação legal e regulamentar e entrevistas aos diversos intervenientes no processo. Pretende-se investigar se os reclusos identificam oportunidades empreendedoras e se os técnicos superiores de reeducação dispõem da informação/dados necessários para orientarem a sua educação para o empreendedorismo.

Serão analisados alguns estudos de caso em estabelecimentos prisionais, distribuídos pelo país. Estes estudos de caso irão contribuir para colmatar as lacunas existentes na literatura académica e científica apoiando o desenvolvimento de novos conhecimentos.

Principais resultados esperados

Esta pesquisa pretende responder à questão: Em que medida o sistema educacional prisional português contribui para que cidadãos, adultos privados de liberdade, identifiquem competências, reconheçam oportunidades empreendedoras e as implementem? Pretende também dar resposta às questões subsidiárias: I) Qual a organização do sistema educacional prisional português (SEP), do ponto de vista legal e normativo?; II) Como é que os diferentes atores institucionais percebem tal organização e respetivas influências na identificação e desenvolvimento de competências empreendedoras dos reclusos?; III) Como é que os reclusos percebem o seu papel e participação no processo educacional, no que respeita à identificação de competências e reconhecimento de oportunidades empreendedoras?

Principal contribuição

Esta investigação será um pertinente e útil contributo para a compreensão dos processos educacionais, do sistema prisional português, e de razões que os levam a ser, ou não, bem-sucedidos. Considerando que, de acordo com as pesquisas realizadas, não foi identificada nenhuma investigação que aborde esta questão no sistema prisional em Portugal, este estudo pretende trazer alguns contributos para o campo académico e para a prática da Educação para o empreendedorismo uma vez que, a reincidência criminal impõe custos altos à sociedade e os programas de política social são necessários para que a taxa de reincidência seja reduzida (Sonfield et. al, 2001).

B.1. Trabalhos de investigação sobre o processo de ensino e aprendizagem do empreendedorismo

Um dos principais motivos que faz com que os ex-reclusos reincidam no crime é a falta de oportunidades de emprego (Rieple, 1998; Cooney, 2012; Arifin, Syam & Maladi, 2015; Keena & Simmons, 2014). A reincidência criminal é um problema social complexo e mundialmente transversal, para o qual parecem não existir soluções ótimas, apenas soluções de prevenção. A sua prevenção promove um benefício social para a sociedade em geral. Esta investigação contribuirá para ajudar a compreender os processos de empreendedorismo e educação dentro do sistema prisional português. Este conhecimento pode servir de base para uma reprogramação da política social, conduzindo a uma melhoria do processo, que por sua vez apoiará a diminuição da taxa de reincidência criminal.

BIBLIOGRAFIA

- Akhtar, Z. (2021). Effect of entrepreneurial training for human resource management of prisoners: A framework. *International Journal of Criminal Justice Sciences*, 16(1), 217-235.
- Arifin, Z., Syam, A. Y., & Maladi, M. (2015). The Models of Human Resource Development in Preparing Prisoners for Entrepreneurship in Banjarmasin. *APMBA (Asia Pacific Management and Business Application)*, 2(2), 84-97.
- Cooney, T. M. (2012). Reducing recidivism through entrepreneurship programmes in prisons. *The International Journal of Entrepreneurship and Innovation*, 13(2), 125-133.
- Decreto-Lei n.º 123/2011, de 29 de dezembro, publicado no Diário da República n.º 249/2011, I Série. Disponível em <https://dre.pt/dre/legislacao-consolidada/decreto-lei/2011-75309392>
- Decreto-Lei n.º 215/2012 de 28 de setembro, publicado no Diário da República n.º 189/2012, I Série. Disponível em <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/215-2012-175545>
- Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (2023). Pano de Atividades 2022. DGRSP. Consultado a 13 de fevereiro de 2023. https://dgrsp.justica.gov.pt/Portals/16/Instrumentos%20de%20Planeamento%20e%20Gest%C3%A3o/Planos%20de%20atividade/Pl_ativ_2022.pdf?ver=21arSYJH432rDGbn0KPjxQ%3d%3d
- Keena, L., & Simmons, C. (2014). Rethink, reform, reenter: An entrepreneurial approach to prison programming. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 59(8), 837-854.

- Patzelt, H., Williams, T. A., & Shepherd, D. A. (2014). Overcoming the walls that constrain us: The role of entrepreneurship education programs in prison. *Academy of Management Learning & Education*, 13(4), 587-620.
- Rieple, A. (1998). Offenders and entrepreneurship. *European Journal on Criminal Policy and Research*, 6(2), 235-256.
- Sonfield, M., Lussier, R., & Barbato, R. (2001). The entrepreneurial aptitude of prison inmates and the potential benefit of self-employment training programs. *Academy of Entrepreneurship Journal*.
- Sousa, M. M., de Almeida, D. A. R., Mansur-Alves, M., & Huziwara, E. M. (2022). Characteristics and Effects of Entrepreneurship Education Programs: a Systematic Review. *Trends in Psychology*, 1-31.
- Yin, R.K. (2018). *Case Study Research and Applications: Design and Methods* (6th edition). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

INOVAÇÃO NO ENSINO POR MEIO DA ANÁLISE DO PERFIL EMPREENDEDOR DO ALUNO TECNÓLOGO

Vanessa Cristhina Gatto, Fatec Guaratinguetá, vanessa.gatto@fatec.sp.gov.br

Paulo Afonso, Universidade do Minho, psafonso@dps.uminho.pt

Herlandí de Souza Andrade, Universidade de São Paulo, herlandi@usp.br

PALAVRAS-CHAVE: Perfil empreendedor, ensino – aprendizagem, inovação, formação profissional, tecnólogo

Introdução

Atualmente, é difícil pensar no mundo do trabalho, sem o processo da inovação tecnológica. Essa conexão com a tecnologia aumentou consideravelmente os saberes, competências e habilidades no processo de formação profissional, isto faz com que essas questões sejam motivo de preocupação na educação oferecida aos estudantes. A questão que se coloca é: como preparar o jovem para o mercado e além dele? Para Chimendes (2011), com a contribuição da ciência cada vez mais na esfera direta das forças produtivas, o conhecimento tornou-se essencial para a geração de riqueza e para a promoção do bem-estar social. A inovação é um dos principais fatores para que o emprego e a empresa não entrem em um estado estacionário rumo à extinção. Preparar os alunos para trabalhar com soluções globais e com uma visão de melhorar a sociedade e o mundo faz parte do contexto realizado na FATEC Guaratinguetá. A Fatec Guaratinguetá tendo como mantenedora o Centro Paula Souza, uma autarquia do Governo do Estado de São Paulo vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia. As FATECs ministram cursos de graduação em tecnologia, concebidos e desenvolvidos para atender segmentos atuais e emergentes do mercado. Pensando em contribuir com a construção de uma de formação empreendedora na unidade, objeto de estudo, foi necessário mapear o curso em questão por meio de uma análise do Projeto Político Pedagógico. Para Cação e Costa (2011) o elemento que dá o norte as ações educativas escolares podem ser analisadas sobre duas concepções: a concepção tecnicista na educação que trata o planejamento global de uma instituição de ensino como Plano de Ação ou Proposta Pedagógica,

B.1. Trabalhos de investigação sobre o processo de ensino e aprendizagem do empreendedorismo

e seu objetivo é trabalhar a racionalidade e a produtividade; e a concepção progressista, que trata esse tipo de planejamento de Projeto Pedagógico ou Projeto Político-Pedagógico. Para a autora Projeto Político-Pedagógico retrata a identidade da escola vinculando a um projeto histórico social e o papel de compreender o objetivo da escola na sociedade fazendo um contraponto a uma visão burocrática e técnica. A Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 (LDB, 1996) traz referências sobre tecnologia, os princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna; o artigo 43 que fala sobre o incentivo ao trabalho de pesquisa e investigação científica, visando ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia e o artigo 39 sobre a determinação profissional, integrada às diferentes formas de educação, ao trabalho, à ciência e à tecnologia. No capítulo da educação profissional é que se formula uma concepção mais moderna dos cursos de tecnologia. O Relatório de 2009 da GEI – Iniciativa de Educação Global (GEI) – do Fórum Econômico Mundial (WEF) revela a importância da educação para o empreendedorismo e o papel na formação de atitudes e habilidades: “empreendedora”; habilidades, atitudes e comportamentos que podem ser aprendidos. O empreendedor precisa conjugar três elementos fundamentais: conhecimento, habilidades e atitudes. Para isso necessita de uma formação abrangente, sistêmica e interdisciplinar, com um direcionamento tanto para iniciar um negócio, quanto para às necessidades e crescimento de uma empresa já existente no mercado. Para Dodescu e Badulescu (2014), o empreendedorismo atualmente é reconhecido tanto academicamente quanto profissionalmente – como um dos mais importantes motores do crescimento econômico no país. Sua contribuição está presente em diferentes campos de atuação como promover inovação, aumentar a produtividade do local onde está inserido, criar empregos e aumentar renda. A atitude empreendedora passa pelo pressuposto de um modelo de educação que possibilite a autonomia do sujeito, pensando, sonhando e realizando, alinhando, assim, o conceito de empreendedorismo com uma pedagogia crítica. Pesquisa e educação são necessárias e por isso devem ser tratadas com atenção. Considerar o importante papel da formação do tecnólogo cidadão e empreendedor reafirma a importância do desenvolvimento de uma formação para o desenvolvimento econômico e social, contribuindo para uma sociedade crítica, criativa, comprometida e pró – ativa. Nesse contexto, a universidade tem o papel de pesquisar, gerar conhecimento, atuar e garantir que a formação profissional seja dimensionada numa vertente empreendedora. Para Timmons e Spinelli (2006), as atitudes empreendedoras devem ser estimuladas nos estudantes para que eles possam criar seus próprios negócios ou fazer gestão

com postura empreendedora. E esse é o papel que os alunos do curso de tecnólogo em Análise e Desenvolvimento de Sistemas da FATEC Guaratinguetá.

Objetivos

Esta pesquisa tem como objetivo conhecer o perfil empreendedor do aluno do curso de Tecnólogo de Análise e Desenvolvimento de Sistemas e propor melhorias para adequação da capacidade empreendedora, utilizando as aulas de Estatística que são ministradas para o 6º. Semestre desse curso.

Metodologia de investigação

Esta pesquisa utilizou a aplicação de questionário testado e validado intitulado de “perfil empreendedor” e “intenção empreendedora”. Mesmo o questionário estando validado, foi feito um pré teste na unidade antes de replicá-lo. Após análise do pré – teste e seus ajustes foi aplicado para levantar as características estudadas. O questionário é dividido em quatro categorias. Schmidt e Bohnenberger (2009) fundamentado na base conceitual sobre o perfil empreendedor, por meio das diversas definições encontradas na literatura definiram características atitudinais do empreendedor e, desenvolveram o questionário na tentativa de aprofundar e clarear o tema, sem pretender esgotá-lo definiram também que as pesquisas apresentaram uma falta de um padrão metodológico o que acabou impondo restrições à análise dos resultados. Mesmo com essas dificuldades, foi possível levantar características e descrever um perfil empreendedor que possa ser trabalhado na formação profissional. Após a coleta de dados utilizou-se o software SPSS - 19.0 (Statistical Package for Social Sciences), o teste de Bartlett de Esfericidade, o teste de KMO que é uma estatística que indica a proporção da variância dos dados que pode ser considerada comum a todas as variáveis, ou seja, que pode ser atribuída a um fator comum (Maroco, 2007).

Resultados

As características encontradas foram agrupadas em cinco fatores o que mostra a heterogeneidade quanto às características empreendedoras no grupo analisado. Foi feito um projeto que os alunos tivessem que testar seus softwares por meio de teste de usabilidade, e que utilizassem ferramentas aprendidas em sala para entenderem a satisfação de futuros usuários na utilização. Os alunos do 6º semestre de ADS participaram da atividade em que eles tinham que recrutar pessoas que avaliassem o software desenvolvido desde o 4º semestre

B.1. Trabalhos de investigação sobre o processo de ensino e aprendizagem do empreendedorismo

Durante essas aulas, verificou-se que os alunos não imaginavam onde seu software poderia melhorar, em que os usuários teriam dificuldade para a realização da tarefa. E, somente depois da análise do teste de usabilidade, os alunos perceberam que podiam criar outros mecanismos no software que auxiliasse esses usuários. E, em outras aulas, verificaram que esses softwares poderiam ser inovados, entendendo mais o perfil do usuário. Após o estudo das características encontradas foi preparado atividades com objetivo de utilizar ferramentas e os conteúdos trabalhados em sala de uma forma contextualizada e prática. Essa atividade foi embasada no teste de Usabilidade, pelas heurísticas de Nielsen.

Principal contribuição

Estudantes ativos, participativos e autônomos, no processo de aprendizagem, mesmo porque essas são características do empreendedor. Planejamento educacional com uma visão para o conceito de empreendedorismo de Schumpeter desde 1934 (1982) (desenvolvimento econômico se dá através da introdução de novas formas de atuar sobre os recursos com ganhos econômicos).

BIBLIOGRAFIA

Brasil, *Lei de Diretrizes e Bases*. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996

Cação, M. I.; Costa, F. T. (2011) O projeto político-pedagógico como elemento essencial para uma escola pública de qualidade. Resumo premiado no VI Seminário de Extensão Universitária de Marília. *Rev. Ciênc. Ext.* v.7, n.2, p.174.

Chimendes, V.C.G. *Ciência e Tecnologia X Empreendedorismo: Diálogos possíveis e necessários*. 248 f. Tese (2011) (Doutorado em Engenharia Mecânica) – Faculdade de Engenharia do Campus de Guaratinguetá, Universidade Estadual. Paulista, Guaratinguetá.

Dodescu, A., Badulescu, A. (2014) ‘Considerations about evolution, density and specialization perspectives of small-and medium-sized enterprises sector in the western part of Romania’, *Analele Universitatii Din Oradea*, 302–309.

GEI – Iniciativa de Educação Global (2009) – do Fórum Econômico Mundial (WEF) – Relatório.

Maroco, J. (2007). *Análise Estatística: com utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.

B.1. Trabalhos de investigação sobre o processo de ensino e aprendizagem do empreendedorismo

Timmons, J.A.; Spinelli, S. (2006) *New venture creation: entrepreneurship for the 21st century*. 7.ed. New York: McGraw-Hill/Irwin, 2006.

Schmidt, S., Bohnenberger, M.C (2009) Perfil Empreendedor e Desempenho Organizacional. *RAC*, Curitiba, v. 13, n. 3, art. 6, p. 450-467, Jul./Ago. Disponível em <http://www.anpad.org.br/rac>

DESIGN THINKING COMO FERRAMENTA PARA O DESPERTAR DO ESPÍRITO EMPREENDEDOR EM ALUNOS DO ENSINO SUPERIOR

Daniela Fantoni Alvares, Faculdade de Economia e Gestão, daniela.f.alvares@uac.pt

PALAVRAS-CHAVE: *Design thinking*, dinâmicas, empreendedorismo, inovação, projeto

O presente estudo tem por objetivo apresentar um caso prático de utilização do design thinking no Ensino Superior, como forma de incentivar o espírito empreendedor e de desenvolver habilidades para o empreendedorismo. O design thinking é uma ferramenta que é utilizada por diversas empresas no mundo. No entanto, a aplicação desta ferramenta à educação inicia-se somente por volta de 2010 (Lor, 2017). Há estudos sobre a aplicação desta ferramenta no Ensino Superior, entre estes de Plattner et al. (2011), Kim et al. (2023) e Guaman-Quintanilla et al. (2023), mas ainda há muitas potencialidades a serem desenvolvidas.

De acordo com Brown (2009, 2010), o design thinking parte da inspiração, passa pela ideação e chega na implementação, sendo uma abordagem voltada para a inovação, a qual utiliza métodos do design para entender as necessidades humanas. As fases do design thinking podem ser definidas como “empatizar”, “definir”, “idear”, “prototipar” e “testar”, em uma abordagem iterativa e não linear (Scheer & Plattner, 2011).

O design thinking oferece uma perspectiva humanística sobre a teoria e a prática da inovação, sendo centrado no ser humano (Auernhammer & Roth, 2021). Os autores destacam que os “gestores de inovação e educadores precisam considerar as qualidades essenciais do design, ao permitir às pessoas que projetem soluções tangíveis para problemas abertos e complexos” (Auernhammer & Roth, 2021, 624).

O design thinking contribui para a inovação académica, uma vez que estimula o pensamento criativo (Teixeira, 2020). Conforme Carroll et al. (2010), o design thinking aplicado à educação contribui para o desenvolvimento da confiança dos estudantes, a partir do exercício da empatia e da resolução criativa de problemas.

B.2. Casos práticos para a formação do empreendedorismo e criação de oportunidades de inovação

A metodologia do presente estudo é de abordagem qualitativa e natureza descritiva, com base na apresentação de um caso prático de aplicação da ferramenta do design thinking a jovens do Ensino Superior, na Universidade dos Açores, em Portugal, nos anos letivos 2021/22 e 2022/23. A turma era formada por 71 alunos, no ano letivo 2021/22, e por 80 alunos, no ano letivo 2022/23, totalizando 151 estudantes. As aulas teórico-práticas eram realizadas em dois turnos, dividindo-se a turma, mas mesmo assim, representava um grande desafio para a realização de dinâmicas com tantos alunos (cerca de 35 a 40 alunos).

A disciplina de “Empreendedorismo” é obrigatória nos Programas de Ensino da Licenciatura em Turismo e da Licenciatura de Serviço Social. No período em análise, houve também alunos da Licenciatura em Gestão e da Licenciatura em Economia que escolheram esta unidade curricular como optativa. Desta forma, havia uma grande multiplicidade de interesses e background, fatos estes considerados no processo de ensino-aprendizagem.

Neste sentido, os alunos tinham autonomia para escolher a temática que iriam desenvolver no projeto de empreendedorismo. Os pressupostos básicos que deveriam seguir eram: (i) dar resposta a um problema real, enfrentado em âmbito regional e/ou local; (ii) desenvolver pelo menos um produto ou serviço; (iii) contribuir para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), indicando o(s) ODS que o projeto ajudava a colmatar e (iv) apresentar pelo menos um elemento inovador, gerando proposta de valor ao usuário/cliente.

O design thinking foi aplicado, por meio de dinâmicas em sala de aula, acrescidas de atividades que deveriam ser desenvolvidas de forma autónoma pelos estudantes, mas sempre sob orientação docente. Das fases do design thinking, os projetos passaram por 4 de suas fases, com exceção da fase de “testar”, uma vez que esta fase demandava apresentar os projetos no ambiente externo à Universidade e aos mais variados público-alvo, fato este que tornava esta fase mais complexa de ser operacionalizada.

Durante as aulas teórico-práticas, os alunos foram conduzidos a aplicar o design thinking, desde a elaboração de questionários para se empatizar com o público-alvo à processos de brainstorming; assim como da seleção das melhores ideias à elaboração dos protótipos. Atréadas ao design thinking, foram utilizadas outras ferramentas, entre estas, persona, jornada do usuário, business model canvas e storytelling.

Os projetos desenvolvidos pelos estudantes versavam sobre as mais diversas áreas, e algo interessante, nem sempre sobre a área de formação base dos alunos. Em alguns casos, estes se

B.2. Casos práticos para a formação do empreendedorismo e criação de oportunidades de inovação

identificaram com outras problemáticas que não estavam diretamente relacionadas com a Licenciatura que cursavam. Muitos projetos utilizaram a tecnologia como uma ferramenta, mas não eram todos de base tecnológica. Conforme esperado, uma vez que um dos pressupostos era o atendimento a algum dos ODS, todos os projetos levaram em consideração a sustentabilidade.

Os projetos responderam demandas reais da sociedade, em atendimento aos pressupostos iniciais estabelecidos. As grandes áreas temáticas se atinham a educação; saúde; mobilidade; violência doméstica; inclusão de pessoas com deficiências; atendimento a diversas demandas de públicos específicos, entre estes idosos e crianças; inclusão de pessoas à margem da sociedade; alimentação saudável e combate ao desperdício; gestão pública; criação de novos serviços e produtos turísticos; reciclagem; consumo consciente. Foram 42 projetos criados, durante os dois períodos letivos, sendo estes compostos por partes escritas e orais.

Entre os resultados esperados com a aplicação do design thinking e das ferramentas atreladas utilizadas, era o desenvolvimento de projetos de empreendedorismo inovadores e que respondessem aos ODS, a partir de um olhar empático sobre os problemas enfrentados pela sociedade local e/ou regional. Além destes resultados de natureza prática, esperava-se desenvolver as hard skills dos estudantes, com o incremento de competências técnicas na elaboração de projetos, mas principalmente as soft skills, entre estas, criatividade, capacidade de trabalhar em equipe e, essencialmente, a autoconfiança.

Como principais contribuições, deste estudo, elencamos a apresentação de uma metodologia de ensino-aprendizagem focada no aluno e na resolução de problemas reais. Outra questão relevante, é o empoderamento do aluno, sendo este tratado como sujeito no processo de aprendizagem e na tomada de decisões sobre o projeto a ser elaborado. Neste sentido, sua formação de base e tendo seus conhecimentos prévios considerados. Além disso, os estudantes foram constantemente instigados a refletir, achar novas soluções e a ver os problemas sobre outras perspectivas, estimulando assim o senso crítico e o espírito empreendedor. Outra contribuição, foi a aplicação da ferramenta do design thinking no ambiente acadêmico, a partir de dinâmicas em grupo, desmitificando que esta ferramenta seria acessível e aplicável mais facilmente somente ao contexto empresarial. E por fim, destaca-se a importância de utilizar outras ferramentas complementares ao design thinking, conforme já referenciado, as quais contribuem para o desenvolvimento de competências fundamentais para o empreendedorismo.

Por fim, ressalta-se que um dos grandes desafios das aulas de empreendedorismo é instigar os jovens a terem espírito crítico, assim como confiarem que podem ser criativos e

inovadores. Neste sentido, o design thinking pode ser uma ferramenta estratégica neste processo. É fundamental que os estudantes conheçam e dominem ferramentas como esta, para que possam aplicar depois no mercado de trabalho. Sabe-se que muitos não serão empreendedores, pois não têm este desejo. No entanto, espera-se que possam ser intraempreendedores, contribuindo com projetos inovadores nas Instituições que venham atuar.

BIBLIOGRAFIA

- Auernhammer, J., & Roth, B. (2021). The Origin and Evolution of Stanford University's Design Thinking: From Product Design to Design Thinking in Innovation Management. *Journal of Product Innovation Management* 38, 623-644. <https://doi.org/10.1111/jpim.12594>
- Brown, T. (2009). *Change by design: How design Thinking transforms organizations and inspires innovation*. Harper Business.
- Brown, T. (2010). *Design Thinking. Uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias*. Elsevier.
- Carroll, M., Goldman, S., Britos, L., Koh, J., Royalty, A., & Hornstein, M. (2010). Destination, Imagination and the Fires Within: Design Thinking in a Middle School Classroom. *The Journal of Academic Development and Education*, 1.
- Guaman-Quintanilla, S., Everaert, P., Chiluiza, K., & Valcke, M. (2023). Impact of design thinking in higher education: a multi-actor perspective on problem solving and creativity. *International Journal of Technology and Design Education* 33, 217-240. <https://doi.org/10.1007/s10798-021-09724-z>
- Kim, H.J., Yi, P., & Ko, B.W. (2023). Deepening students' experiences with problem identification and definition in an empathetic approach: lessons from a university design-thinking program. *Journal of Applied Research in Higher Education*, Vol. 15 No. 3, pp. 852-865. <https://doi.org/10.1108/JARHE-03-2022-0083>
- Lor, R. (2017). *Design Thinking in Education: A Critical Review of Literature*. International Academic Conference on Social Sciences and Management. Conference Proceedings. Bangkok, Thailand, 36-68.
- Plattner, H., Meinel, C., & Leifer, L. (2011). *Design Thinking: Understand-Improve-Apply*. Springer-Verlag. <http://doi.org/10.1007/978-3-642-13757-0>

Scheer, A., & Plattner, H. (2011). Transforming Constructivist Learning into Action: Design Thinking in education. *Design and Technology Education: An International Journal*, 17(3), 8-19.

Teixeira, A.L.G. (2020). Aplicação do Design Thinking como método promotor da Inovação Escolar. Universidade da Beira Interior.

AGRADECIMENTO

Este trabalho foi financiado por fundos nacionais, através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/00685/2020.

INICIATIVAS EMPREENDEDORAS LIDERADAS POR ESTUDANTES E A SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ECOSISTEMA EMPREENDEDOR LOCAL

João Almeida, DCSPT, GOVCOPP, Universidade de Aveiro, joalopesalmeida@ua.pt

Ana Daniel, DEGEIT, GOVCOPP, Universidade de Aveiro, anadaniel@ua.pt

PALAVRAS-CHAVE: Educação para o empreendedorismo; estudantes; ecossistema empreendedor; ensino superior

As iniciativas empreendedoras lideradas por estudantes (IELEs) são organizações geridas por estudantes que proporcionam aos estudantes oportunidades de aprender e praticar o empreendedorismo. As IELEs podem assumir várias formas, como clubes de negócios, empresas sociais, júnior empresas ou aceleradoras (Almeida & Daniel, 2022; Pittaway et al., 2015). Estas organizações desempenham um papel fundamental no fomento do espírito empreendedor, promovendo a inovação e dotando os estudantes de competências e experiências práticas (Schimperna et al., 2022), oferecendo uma plataforma onde os estudantes podem colaborar, idealizar e iniciar os seus projectos empreendedores.

As IELEs apresentam diversos benefícios para os estudantes, servindo de centros de aprendizagem experiencial que levam ao desenvolvimento de competências e comportamentos empreendedores, bem como oportunidades de estabelecer contactos profissionais e de desenvolvimento de carreira (Almeida et al., 2021; Daniel & Almeida, 2020; Pittaway et al., 2015; Sansone et al., 2021). Por outro lado, as IELEs facilitam as interações entre estudantes, antigos alunos e profissionais da indústria, criando redes que podem revelar-se cruciais para futuras iniciativas empreendedoras (Pittaway et al., 2011), sendo que os estudantes que participam em IELEs têm também mais probabilidades de criar a sua própria empresa após a licenciatura (European Commission, 2013).

Apesar da investigação existente apontar claramente para a importância das IELEs no desenvolvimento das competências dos alunos e no complemento da educação para empreendedorismo, e da extensa literatura sobre a importância das instituições de ensino superior no ecossistema empreendedor (EE) (Maas & Jones, 2017), o papel das IELEs como

B.2. Casos práticos para a formação do empreendedorismo e criação de oportunidades de inovação

um actor do EE (Sherwood, 2018) é um tema ainda pouco estudado. Este trabalho tem como objetivo contribuir para esta lacuna através da análise de estudos anteriores sobre este tema.

As IELEs desempenham um papel fundamental no reforço dos EE de várias formas (Sansone et al., 2021). A sua contribuição estende-se para além dos limites dos campi universitários, impactando o ambiente empresarial local, regional e mesmo nacional. Por exemplo, a meta-análise de Rice et al. (2014) apresenta os clubes de estudantes de empreendedorismo como essenciais para apoiar o envolvimento com outras entidades dentro do EE. Por sua vez, Daniel & Almeida (2021) sublinham que o desempenho das IELEs está relacionado com algumas condições de qualidade dos EE regionais, nomeadamente as relacionadas com o empreendedorismo (educação, motivação, cultura) e com as competências. Nesta secção, aprofundaremos como estas organizações contribuem no EE, fornecendo exemplos práticos de diferentes tipos de IELEs.

Ao proporcionar um ambiente de apoio à ideação e experimentação, estas organizações estimulam uma cultura de inovação dentro da comunidade académica e além dela (Sansone et al., 2021), propagando uma cultura empreendedora dentro das IES, influenciando professores, funcionários e alunos através de atividades empreendedoras que, posteriormente, têm impacto nos ecossistemas das IES (Rice et al., 2014). Um exemplo disso é a plataforma Demola, liderada por estudantes, que tem como objetivo resolver problemas e desafios da vida real, desenvolver novos produtos, e assim "energizar o ecossistema à sua volta, mais amplo, à medida que incentivam as partes interessadas a adotar abordagens alternativas para o trabalho de inovação" (Huhtamäki et al., 2013, p. 167).

Estas organizações oferecem aos estudantes oportunidades para desenvolverem competências empreendedoras essenciais, como a validação de ideias, plano de negócios, marketing e gestão financeira. Ao dotar os estudantes destas competências, as IELEs estão a alimentar um conjunto de talentos empreendedores que podem impulsionar o crescimento económico e a inovação (Almeida & Daniel, 2022). Para além disso, as IELEs proporcionam aos estudantes um ambiente onde podem correr riscos, cometer erros e aprender com os fracassos. Esta experiência incute resiliência e uma vontade de abraçar a incerteza, que são atributos vitais para empreendedores de sucesso (Pittaway et al., 2015; Siivonen et al., 2020).

As IELEs funcionam como pontes que ligam o mundo académico à comunidade empresarial. Facilitam as interações entre estudantes, antigos alunos, profissionais da indústria e potenciais investidores, criando redes valiosas que podem catalisar novas ideias de negócios

B.2. Casos práticos para a formação do empreendedorismo e criação de oportunidades de inovação

(Pittaway, Rodriguez-Falcon, & King, 2011; Toutain, Fayolle, Pittaway, & Politis, 2017). Esta função de intermediários reforça os laços entre as universidades e o EE. Um exemplo disto é a rede NexTech, liderada por estudantes que trabalha em IES e nas suas comunidades locais, para promover a ciência, tecnologia e inovação. Como resultado das suas actividades, esta rede tem um impacto na cultura académica através da sensibilização para as tecnologias emergentes, promove oportunidades de investigação e estágios para estudantes, e facilita interacções e ligações entre estudantes, professores e profissionais da indústria (Meador & Friedersdorf, 2016).

As IELEs envolvem-se frequentemente em projectos com startups e pequenas empresas, proporcionando o acesso a um conjunto de estudantes talentosos e motivados que podem oferecer novas perspectivas, competências e soluções inovadoras, e oferecendo serviços a preços reduzidos a estas entidades que frequentemente se debatem com recursos financeiros e humanos limitados. Um exemplo disso são as Junior Empresas (JEs), que através da prestação de serviços de consultoria a empresas, e em 2022, trabalharam em mais de 19.900 projetos externos com um volume de negócios superior a 16 milhões de euros, sendo que mais de 70% destes projetos foram contratados a PMEs ou empreendedores (Junior Enterprises Global, 2021).

Algumas IELEs estabelecem parcerias formais ou informais com incubadoras e aceleradoras locais. Servem de pipeline para estas organizações, canalizando ideias e projectos empreendedores para desenvolvimento posterior. Essa colaboração aumenta a capacidade das incubadoras locais de fomentar o crescimento e a inovação das startups (Wright et al., 2017).

Ao colmatar o fosso entre os estudantes e as empresas, as IELEs também contribuem significativamente para o reforço do EE, fomentando uma cultura de inovação, cultivando talentos, estabelecendo pontes entre as comunidades académica e empresarial, apoiando startups e pequenas empresas, promovendo a educação empreendedora, incentivando a tomada de riscos e colaborando com incubadoras locais. O seu papel multifacetado estende-se para além do campus universitário, tendo um impacto positivo nos EE locais e regionais. Assim, quando se pensa num plano de ação para promover um EE, o apoio a estas IELEs deve ser incluído como uma estratégia importante para impulsionar a cultura e as competências empreendedores. Estes contributos têm implicações importantes para a gestão das IES, uma vez que realçam a importância das IELEs como actores-chave do seu ecossistema. As IES devem ajudar a criar e desenvolver estas organizações para aumentar o seu impacto nos estudantes, na

comunidade académica e nas empresas (Sansone et al., 2021). No entanto, há ainda necessidade de mais estudos para confirmar o impacto entre as IELEs e os EEs, analisando outros países e contextos, bem como as relações entre as IELEs e outros actores locais e regionais.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, J., Daniel, A. D., & Figueiredo, C. (2021). The future of management education: The role of entrepreneurship education and junior enterprises. *The International Journal Of*. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1472811718303987>
- Almeida, João, & Daniel, A. D. (2022). Student-led organisations and STEM education: a review. *2022 IEEE Global Engineering Education Conference (EDUCON)*, 1026–1030.
- Daniel, A., & Almeida, J. (2021). The effects of Student-Led Organizations on the Quality Conditions of Regional Ecosystems. *INTED2021 Proceedings*, 3896–3904.
- Daniel, A. D., & Almeida, J. (2020). The role of junior enterprises in the development of students' entrepreneurial skills. *Education+ Training*. <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/ET-03-2019-0049/full/html>
- European Commission. (2013). *Entrepreneurship 2020 Action Plan*.
- Huhtamäki, J., Luotonen, V., Kairamo, V., Still, K., & Russell, M. G. (2013). Process for Measuring and Visualizing an Open Innovation Platform: Case Demola. *Proceedings of International Conference on Making Sense of Converging Media*, 166–171.
- Junior Enterprises Global. (2021). *Junior Enterprises Global - Homepage*. <https://www.juniorenterprises.org/>
- Maas, G., & Jones, P. (2017). The Role of Entrepreneurship Centres. In G. Maas & P. Jones (Eds.), *Entrepreneurship Centres : Global Perspectives on their Contributions to Higher Education Institutions* (pp. 11–16). Springer International Publishing.
- Meador, M. A., & Friedersdorf, L. E. (2016). Student-led companies expand the nanotechnology innovation ecosystem. *MRS Bulletin / Materials Research Society*, 41(11), 836–838.

- Pittaway, L. A., Gazzard, J., Shore, A., & Williamson, T. (2015). Student clubs: experiences in entrepreneurial learning. *Entrepreneurship and Regional Development*, 27(3–4), 127–153.
- Rice, M. P., Feters, M. L., & Greene, P. G. (2014). University-based entrepreneurship ecosystems: a global study of six educational institutions. *International Journal of Entrepreneurship and Innovation Management*, 18(5/6), 481–501.
- Sansone, G., Ughetto, E., & Landoni, P. (2021). Entrepreneurial intention: An analysis of the role of Student-Led Entrepreneurial Organizations. *Journal of International Entrepreneurship*, 19(3), 399–433.
- Schimperna, F., Nappo, F., & Marsigalia, B. (2022). Student Entrepreneurship in Universities: The State-of-the-Art. *Administrative Sciences*, 12(1). <https://doi.org/10.3390/admsci12010005>
- Sherwood, A. (2018). Universities and the Entrepreneurship Ecosystem. In S. Globerman & J. Clemens (Eds.), *Demographics and Entrepreneurship: Mitigating the Effects of an Aging Population* (pp. 239–282). Fraser Institute.
- Siivonen, P. T., Peura, K., Hytti, U., Kasanen, K., & Komulainen, K. (2020). The construction and regulation of collective entrepreneurial identity in student entrepreneurship societies. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 26(3), 521–538.
- Wright, M., Siegel, D. S., & Mustar, P. (2017). An emerging ecosystem for student start-ups. *The Journal of Technology Transfer*, 42(4), 909–922.

AGRADECIMENTO

Este trabalho foi apoiado pela Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas (UIDB/04058/2020) + (UIDP/04058/2020), financiada por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., e pela bolsa de doutoramento 2021.05286.BD atribuída ao autor pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P.

PROPOSTA DE UM AMBIENTE DE PRÉ-INCUBAÇÃO PARA PROJETOS DE BASE TECNOLÓGICA

Vitor Ikeda de Faria, Universidade de São Paulo, vitorikedafaria@usp.br

Paulo Afonso, Universidade do Minho, psafonso@dps.uminho.pt

Vanessa Cristhina Gatto, Centro Paula Souza, vanessa.gatto@fatec.sp.gov.br

Herlandí de Souza Andrade, Universidade de São Paulo, herlandi@usp.br

PALAVRAS-CHAVE: Pré-Incubação, incubadora de empresas, hub de inovação, inovação tecnológica, empreendedorismo

Introdução

O empreendedorismo está cada vez mais presente na vida dos brasileiros, pois mostra que o Brasil atingiu uma taxa de empreendedorismo total de 38,7% no ano (IBQP, 2019). Esta taxa representa a proporção da população adulta que está envolvida com pelo menos uma atividade empreendedora, seja no estágio inicial, seja no estágio mais avançado, e foi o segundo maior índice da história até então. Além disso, segundo Landström e Harirchi (2018), Moraes et. al. (2021) e Pinheiro, Moraes e Fischer (2022), o debate acerca do empreendedorismo estudantil vem crescendo nos últimos anos e, dessa forma, é preciso oferecer ferramentas, instrumentos e informações que sejam capazes de dar o suporte necessário para que essas pessoas conquistem o sucesso em seus negócios, que ocorre, por exemplo, por meio de incubadoras e pré-incubadoras. Assim, fica evidente a importância do desenvolvimento de ambientes de pré-incubação, que de acordo com Pallotta e Campisi (2018) e Salvi et al. (2019), são responsáveis por orientar os empreendedores, os dando suporte e os ajudando a transformar ideias inovadoras em negócios reais e os preparando para a criação de empresas preparadas para o mercado de trabalho evitando sua saída logo nos anos iniciais devido à má gestão dos negócios. Ainda, segundo Pallotta e Campisi (2018), o desenvolvimento de ambientes de pré-incubação em universidades é importante pois é uma grande oportunidade para estimular a prática do empreendedorismo nesses ambientes e, em consequência disso, estimar o desenvolvimento de ideias inovadoras de negócios dentro da própria comunidade acadêmica. Logo, ao estudar os

B.2. Casos práticos para a formação do empreendedorismo e criação de oportunidades de inovação

relacionamentos Universidade-Empresa, a inovação, o empreendedorismo e a difusão do conhecimento são temas de suma importância. Desse modo, para Etzkowitz e Zhou (2017), as universidades consideradas empreendedoras pelo MIT e por Stanford, têm se tornado cada vez mais importantes, pois elas estão deixando de ter somente a função de fornecer ensino e pesquisas e estão exercendo também papéis fundamentais semelhantes aos de indústrias e do governo, como geradoras de novas empresas, por exemplo.

Objetivos

Este projeto tem como objetivo principal identificar os requisitos para projetar um ambiente de pré-incubação de base científica e tecnológica para ser desenvolvido na Escola de Engenharia de Lorena da Universidade de São Paulo (EEL-USP).

Metodologia de investigação

Este projeto utilizou a pesquisa-ação para o seu desenvolvimento que, segundo Coughlan e Coughlan (2002), é um método de pesquisa mais participativo. Sendo assim, esta pesquisa-ação foi planejada para ser desenvolvida seguindo alguns passos: primeiramente, foi feita uma revisão sistemática da literatura sobre os temas empreendedorismo e pré-incubação. Em seguida, foi feita uma identificação de ambientes de pré-incubação para benchmarking. Feito isso, foram tratados todos os dados e informações coletados por meio das pesquisas. Dando sequência ao projeto, foram realizadas discussões com professores e especialistas no assunto para, em seguida, ser elaborado um Plano de Ação utilizando a ferramenta 5W1H para implantar um ambiente de pré-incubação na Escola de Engenharia de Lorena da Universidade de São Paulo para auxiliar seu planejamento. O último passo é a entrega de um relatório com todos os resultados analisados.

Resultados

A partir de uma revisão na literatura, foi identificada a importância de ambientes de incubação para as universidades e para as empresas que estão, principalmente, em estágio inicial. Além disso, também foi possível identificar quais são os principais requisitos para a implantação de um ambiente de pré-incubação de base científica e tecnológica para ser desenvolvido na EEL-USP e outros ambientes de pré-incubação para benchmarking para, assim, analisar seus pontos fortes. Com a construção de um Plano de Ação, foi possível proporcionar clareza e objetividade, por meio de uma ferramenta que utiliza artifícios visuais para um melhor entendimento do planejamento da implementação da pré-incubadora, para que

B.2. Casos práticos para a formação do empreendedorismo e criação de oportunidades de inovação

todos os resultados almejados inicialmente fossem alcançados com sucesso. Dessa forma, com o 5W1H, foi possível identificar algumas ações necessárias para desenvolver a pré-incubadora, como: estabelecer parcerias com outras instituições; definir datas de início do programa e prazos; definir etapas do processo seletivo; definir etapas do processo de pré-incubação; redigir edital da pré-incubadora; criar material de apoio para os participantes; mapear e entrar em contato com professores parceiros; planejar divulgação do processo de pré-incubação.

Dessa forma, de acordo com estudos feitos por Silveira (2014), ao analisar duas incubadoras de base tecnológicas, a Incubadora Tecnológica Natal Central (ITNC), localizada no IFRN e a Inova-Metrópole, localizada na UFRN, foram determinados todos os passos que as ideias selecionadas deveriam passar até que o processo de incubação fosse finalizado. Desse modo, por meio de uma combinação entre ambos os objetos de estudo, Silveira (2014) propôs um modelo de pré-incubação que conta com quatro fases. A primeira é a fase de Descoberta do Negócio, a segunda fase é a Busca das Informações de mercado, tecnologia e econômica, a terceira fase é o Modelo de Negócio e a quarta e última fase é a Constituição da Empresa.

Desse modo, de acordo com a revisão da literatura, também foi proposto um modelo de pré-incubadora para a Escola de Engenharia de Lorena da Universidade de São Paulo, que conta com três fases. A primeira fase é chamada de Fundamentos empreendedores e Ideação, onde será fornecido aos pré-incubados capacitações específicas sobre conceitos relacionados ao empreendedorismo. Além disso, essa fase também conta com a identificação da oportunidade do negócio e na geração da ideia. A segunda fase é a Busca de informação do mercado e modelagem do negócio, que conta com a análise de mercado, análise tecnológica, análise econômica, validação da ideia e modelo do negócio. Por fim, a terceira fase é a de Maturação e conexões, que representa a constituição legal da empresa.

Principal contribuição

A implementação de um ambiente de pré-incubação para a Escola de Engenharia de Lorena da Universidade de São Paulo irá auxiliar para a inserção da instituição no ecossistema de inovação e empreendedorismo da Região Metropolitana do Vale do Paraíba, devido à importância de ambientes que propiciem uma melhor estruturação e desenvolvimento de ideias de empreendedores que estão em busca de ampliar e melhorar o empreendedorismo da região, em compasso com as inovações do ambiente acadêmico. Isso se mostra relevante uma vez que as pré-incubadoras trazem benefícios tanto para as universidades que querem tornar-se mais empreendedoras quanto para as empresas que estão em estágio inicial.

BIBLIOGRAFIA

- Coughlan, P., & Coughlan, D. (2002). Action research for operations management. *International journal of operations & production management*, 22(2), 220-240.
- Etzkowitz, H., & Zhou, C. (2017). Hélice Tríplice: inovação e empreendedorismo universidade-indústria-governo. *Estudos avançados*, 31, 23-48.
- Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP). (2019). Global Entrepreneurship Monitor: Empreendedorismo no Brasil 2019. [Relatório Executivo]. Disponível em: <https://ibqp.org.br/PDF%20GEM/Relatório%20Executivo%20Empreendedorismo%20no%20Brasil%202019.pdf>.
- Landström, H., & Harirchi, G. (2018). The social structure of entrepreneurship as a scientific field. *Research Policy*, 47(3), 650-662.
- Moraes, G. H. S. M. D., Fischer, B. B., Guerrero, M., Rocha, A. K. L. D., & Schaeffer, P. R. (2023). An inquiry into the linkages between university ecosystem and students' entrepreneurial intention and self-efficacy. *Innovations in Education and Teaching International*, 60(1), 134-145.
- Pallotta, V., & Campisi, D. (2018). STarmac: An environment for the stimulation and development of entrepreneurial projects in academic institutions. *Industry and higher education*, 32(4), 269-280.
- Pinheiro, G. T., Moraes, G. H. S. M. D., & Fischer, B. B. (2023). Student entrepreneurship and perceptions on social norms and university environment: Evidence from a developing country. *Journal of Entrepreneurship in Emerging Economies*, 15(4), 746-765.
- Salvi, N. C., Gomez, L. S. R., Gonçalves, M. M., & Fialho, F. A. P. (2019, November). Processo de Pré-Incubação como fomento à inovação: O Programa Cocreation Lab. In *Anais do Congresso Internacional de Conhecimento e Inovação–ciki* (Vol. 1, No. 1).
- Silveira, M. L. S. D. S. (2014). *Processo de pré-incubação de empresas de base tecnológica* (Master's thesis, Brasil).

UN CASO DE APLICACIÓN PRÁCTICA DE LA TEORÍA EFECTUAL: ESCUELA DE MICRONEGOCIOS

R. Alejandro Hernández Renner, Fundación Maimona, ahernandez@lossantos.org

María Calzado Berbero, Universidad de Extremadura, mcalzadob@unex.es

María de la Cruz Sánchez Escobedo, Universidad de Extremadura, maricruzse@unex.es

Antonio Fernández Portillo, Universidad de Extremadura, antoniofp@unex.es

PALAVRAS-CHAVE: Teoría efectual, micronegocios, emprendimiento, aprendizaje, experiencia

Antecedentes, objetivos, justificación, y metodología de la investigación

Fundación Maimona pretende ofrecer un modelo innovador de soporte para el aprendizaje en materia de emprendimiento empresarial, a partir de su convicción de que “no se puede formar en emprendimiento (aunque sí en técnicas de gestión)”. Pero sí, piensan, es posible dar apoyo con una metodología adecuada al proceso de aprendizaje de las personas emprendedoras, replicando en lo posible el método humano natural por el cual históricamente se inician en hacer negocios. Este método no es otro que experimentar directamente, e incorporar durante esta experimentación conocimiento e información que llega de otros hombres y mujeres de negocios mediante el contacto directo con ellas y ellos como si estuviera “en el aire” (como decía Marshall (1920, p.332)).

La forma elegida para replicar este “aprendizaje natural” de los negocios en la Escuela de Micronegocios ha sido la creación de una “escuela-laboratorio” con renuncia consciente al método magistral, por dos razones: 1. la facilitación de los aprendizajes prácticos de los emprendedores incipientes; 2. la prioridad que da Fundación Maimona al desarrollo local, teniendo en cuenta el consenso de la literatura sobre la incidencia positiva del emprendimiento sobre el desarrollo económico y social de un país, región o ciudad (Neumann, 2021).

La realidad es que la bisonñez y el pequeño tamaño de la inmensa mayoría de los proyectos emprendedores de nuevos negocios les colocan en una situación difícil para competir, y para llegar a ser esa “fuente de energía dentro del sistema económico” (Schumpeter (1934), citado por Beinhoker, 2007), la persona emprendedora posiblemente tendrá más posibilidades de supervivencia y éxito empresarial si asume otras estrategias, más adecuadas a los escenarios de alto riesgo e incertidumbre descritos por Knight (1921) en los que habitualmente debe operar en los inicios de sus actividades emprendedoras. Éste es precisamente el aspecto central de la teoría efectual (effectuation): se trata de “abordar el tema del emprendimiento desde un ángulo diferente: enfocando sobre la pericia empresarial” (Sarasvathy, 2008).

El método que hemos empleado incluye un análisis de los fundamentos metodológicos que emplea la Escuela de Micronegocios. En segundo lugar, se analiza desde una perspectiva puramente empírica el caso de este programa, y se concluye utilizando una lógica analítico sintética la aportación actual y posible del programa al campo de la educación en emprendimiento.

Relato del nacimiento del programa Escuela de Micronegocios

Este programa fue concebido y ejecutado por Fundación Maimona (www.fundacionmaimona.es), una entidad privada, independiente y filantrópica (Hernández Renner et al., 2020). tras entrar en contacto con la teoría efectual, lo que llevó a la organización a pensar que hay “buenas razones para proporcionar formación basada en la teoría efectual, con toda su fuerza pragmática (Hernández Renner et al., 2019). Se fue imponiendo la idea del aprendizaje experiencial para una “conformación práctica, realista y armónica tanto del proyecto emprendedor como de la persona emprendedora” (Fundación Maimona, 2023), con tres grandes referencias en este segundo eje de diseño:

1. Pragmatismo: (Dewey, 1938) (James, 1907).
2. Andragogía: (Knowles, 1980).
3. Construccionismo social: (Burr, 2003).

Con esta base nació en 2020 “Escuela de Micronegocios”. Tanto el acrónimo de su nombre en inglés mBA – microBusiness Academy, como la imagen corporativa, reflejaban desde el inicio una filosofía hasta cierto punto disruptiva de ensalzamiento del trabajador autoempleado, e, incluso, algo de “gamberrismo metodológico” por oposición a un MBA tradicional.

Fundamentos metodológicos empleados en la Escuela de Micronegocios

La esencia metodológica de la Escuela tiene tres grandes pilares:

I. Teorías filosóficas, sociológicas y educativas: el modelo se apoya en el pragmatismo , en la andragogía o aprendizaje de adultos, y en el construccionismo social.

II. “Caja de herramientas” derivadas de la Teoría efectual:

Se utilizan:

- los elementos de proceso o principios de la efectución o lógica efectual derivados del análisis cualitativo de cómo piensan los empresarios expertos.

- concienciación acerca de los riesgos e incertidumbres del entorno emprendedor, y que el fracaso es parte natural del proceso de aprendizaje (Read et al. 2011).

III. “Caja de herramientas” causales o de formación en administración de empresas:

De manera constante se emplean:

- business model canvas (Osterwalder y Pigneur, 2010).

- concienciación de competencias emprendedoras, derivadas de Empretec (WWW, 2023).

- conversaciones directas con empresarios referentes locales como base del aprendizaje.

- blended learning, con una plataforma moodle de apoyo.

- desarrollo lean del proyecto de emprendimiento (Ries, 2011).

Resultados conseguidos hasta la fecha

Los resultados obtenidos entre 2020 y 2022 son los siguientes:

- Número de personas participantes que inician el programa: 45 personas.
- Número de personas participantes que finalizan el programa: 30 personas.
- Número de micronegocios creados y apoyados: 18 micronegocios.
- Número de personas empresarias voluntarias participantes: 92 personas.
- Número de relaciones de mentorizaje realizadas: 9 relaciones de mentorizaje.

Impacto esperado del programa Escuela de Micronegocios.

Efectuación es una forma de pensar y de tomar decisiones basado en la idea de que las personas emprendedoras crean sus propios futuros actuando y haciendo que ocurran cosas. Es una forma de pensar centrada en crear oportunidades y resolver problemas usando los recursos que están disponibles, más que en hacer predicciones e intentar planear para el futuro (Society for Effectual Action, WWW, 2023). Escuela de Micronegocios pretende alcanzar tres niveles y objetivos de impacto diferente y al mismo tiempo relacionados entre sí (Fundación Maimona, 2023):

- IMPACTO INDIVIDUAL.
- IMPACTO LOCAL.
- IMPACTO REGIONAL – AUTONÓMICO: Generar un nuevo paradigma pragmático de emprendimiento y mostrar la realidad del emprendimiento en Extremadura.

Conclusiones y limitaciones de la investigación

Consideramos que la Escuela de Micronegocios logra, de acuerdo con sus pretensiones, establecer a nivel regional unas nuevas bases inclusivas y sostenibles en el tiempo a través de las que fomentar el emprendimiento basadas en la teoría efectual, y generar nuevas formas de aprendizaje en emprendimiento de manera real y efectiva, teniendo en cuenta a la persona que emprende y a la realidad que la rodea, con un enfoque pragmático.

Las principales limitaciones encontradas en la investigación se refieren a la necesidad de dotar al programa de un sistema externo de evaluación, que objetive la valoración de los resultados alcanzados y verifique su cumplimiento de manera más profunda y cualitativa.

BIBLIOGRAFIA

- Beinhocker E. D. (2007). The origin of wealth. Londres. Random House Business Books.
- Burr, V. (2003) Social constructionism. London, Routledge.
- Dewey, J. (1938). Experience and education. New York, Touchstone – Simon and Schuster.
- Empretec (2023) (<https://unctad.org/topic/enterprise-development/Empretec>)
- Fundación Maimona (2023) Escuela de Micronegocios. Memoria metodológica y resultados de las ediciones realizadas.

B.2. Casos práticos para a formação do empreendedorismo e criação de oportunidades de inovação

- Hernández Renner, R.A., et al. (2019) Consideraciones sobre la adecuación de la teoría efectual para la formación experiencial sobre emprendimiento. Actas del VII Congreso Internacional de Emprendimiento – AFIDE´19. Madrid. DYKINSON
- Hernández Renner, R.A., et al. (2020) La estrategia efectual en micronegocios: aprendizaje avanzado del emprendimiento. XXII Seminario Hispano Luso de Economía Empresarial.
- James, W. (1907) What pragmatism means, in “Pragmatism: a new name for some old ways of thinking”. New York: Longman Green and Co., pp. 17-32.
- Knight, F.H. 1921 (2002) Risk, Uncertainty and Profit. 3rd edition. Washington, DC: Beard Books.
- Knowles, M.S. (1980) The modern practice of adult education - From pedagogy to andragogy. Chicago, Follett Publishing Company.
- Marshall, A. (1920). Principles of economics. 8th Edition London: Macmilan.
- Neumann, T. (2021). The impact of entrepreneurship on economic, social and environmental welfare and its determinants: a systematic review. Management Review Quarterly (2021) 71:553–584. <https://doi.org/10.1007/s11301-020-00193-71> 3
- Osterwalder A. y Pigneur Y. (2010) Business model generation: a handbook for visionaries, game changers, and challengers. Hoboken, New Jersey: John Willey and Sons.
- Read, S. et al. (2011) Effectual entrepreneurship. Abingdon, Oxon: Routledge.
- Sarasvathy, S. D. (2008). Effectuation - Elements of entrepreneurial expertise. Northampton, MA: Edward Elgar Publishing, Inc..
- Schumpeter, J. A. (1934) The theory of economic development. 1983 edition. London: Transaction Publishers.
- Society for Effectual Action (2023). Effectuation 101 course. <https://effectuation.org/effectuation-101>
- Read, S., Sarasvathy, S. D., et al. (2011). Effectual entrepreneurship. Abingdon, Oxon. Routledge.
- Ries, E. (2011) The Lean Startup. London: Portfolio Penguin – Person.